



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**CUIDAR E EDUCAR NO BERÇÁRIO: A CRIANÇA
ENTRE QUATRO E DEZOITO MESES NA ESCOLA**

ADRIANA DE ALENCAR OLIVEIRA

BRASÍLIA, JULHO DE 2011.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**CUIDAR E EDUCAR NO BERÇÁRIO: A CRIANÇA
ENTRE QUATRO E DEZOITO MESES NA ESCOLA**

ADRIANA DE ALENCAR OLIVEIRA

BRASÍLIA, JULHO DE 2011.

ADRIANA DE ALENCAR OLIVEIRA

**CUIDAR E EDUCAR NO BERÇÁRIO: A CRIANÇA
ENTRE QUATRO E DEZOITO MESES NA ESCOLA**

Trabalho Final de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção
do título de Licenciado em Pedagogia,
à Comissão Examinadora da
Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília, sob a
orientação da professora Sônia Marise
Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Zuchiwschi

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília - DF, 15 de julho de 2011.

ADRIANA DE ALENCAR OLIVEIRA

**CUIDAR E EDUCAR NO BERÇÁRIO: A CRIANÇA
ENTRE QUATRO E DEZOITO MESES NA ESCOLA**

Trabalho Final de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção
do título de Licenciado em Pedagogia,
à Comissão Examinadora da
Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília, sob a
orientação da professora Sônia Marise
Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Zuchiwschi

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília - DF, 15 de julho de 2011.

HOMENAGEM

A todos, absolutamente todos os educadores que cruzaram meu caminho, pois, de algum modo, contribuíram para minha formação, minhas escolhas e meu aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores por seu exemplo, dedicação e influências.

Aos meus alunos que me ensinaram tanto quanto eu a eles.

A minha família por suas demonstrações de amor, incentivos e credibilidade em minhas capacidades.

Aos meus amigos por seu apoio, opiniões e distrações quando era necessário.

Ao meu namorado por seu amor, dedicação e eterna paciência com meus destemperos.

Aos meus colegas de graduação por sua ajuda e cooperação em diversos momentos da formação.

A Fátima, minha primeira chefe, pela oportunidade e crédito quanto às minhas habilidades.

A todas as instituições de ensino que contribuíram para o aprimoramento da minha prática.

A professora Sônia Marise Salles de Carvalho, por sua orientação e suporte para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Centro de Educação Infantil Nº 1 de Brasília e seus funcionários por sua disponibilidade e pela oportunidade que me foi oferecida.

OLIVEIRA, Adriana de Alencar. **Cuidar e educar no Berçário:** a criança entre quatro e dezoito meses na escola. Brasília - DF, Universidade de Brasília / Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2011.

RESUMO

O presente trabalho discute a importância do cuidado para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças na Educação Infantil e, mais especificamente, no Berçário.

O tema foi pensado a partir da inquietude sentida ao observar a pouca importância com a qual os profissionais da Educação e os graduandos da área consideram as tarefas de cuidado com a criança.

As crianças, até os 18 (dezoito) meses são sujeitos de potenciais e necessidades muito diferenciadas das maiores de 2 (dois) anos. Para elas, o cuidado é parte fundamental de seu crescimento e necessário a sua educação.

O profissional que lida com crianças dessa faixa etária precisa conhecer suas peculiaridades e possibilidades para que consiga estimulá-las de maneira mais proveitosa.

Diante da formação pouco voltada para essa etapa, a maior parte dos profissionais trabalha com os conhecimentos que adquire na própria prática pedagógica ou em seu cotidiano fora da escola junto às crianças de sua família e comunidade.

Como parte da pesquisa é apresentada a situação de uma escola real com seus pontos fortes e fracos, além de propostas de ação pedagógica junto às crianças menores de 2 (dois) anos.

Palavras-chave: Cuidar; Educar; Berçário; Educação Infantil.

A Educação do homem começa no momento do seu nascimento; antes de falar, antes de entender, já se instrui.

(Jean Jacques Rousseau)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
---------------------------	-----------

PARTE I

MEMORIAL: APRENDENDO SEMPRE: A EDUCAÇÃO PERMEIA CADA ASPECTO DE NOSSAS VIDAS

ERA UMA VEZ	13
COLÉGIO ROSÁRIO	13
INSTITUTO PROCESSUS	14
CURSINHOS E MAIS CURSINHOS	16
EDUCAÇÃO SUPERIOR	17
A PRÁTICA PEDAGÓGICA	18
FELIZES PARA SEMPRE?	20

PARTE II

MONOGRAFIA: CUIDAR E EDUCAR NO BERÇÁRIO: A CRIANÇA ENTRE QUATRO E DEZOITO MESES NA ESCOLA

INTRODUÇÃO	23
------------------	----

CAPÍTULO 1 - DE FREDERIC FROEBEL AOS REFERENCIAIS CURRICULARES: UM BREVE APANHADO DA HISTÓRIA E DA LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	25
1.2 LEGISLAÇÃO ATUAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	27
1.2.1 LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA PARA O BERÇÁRIO	29

CAPÍTULO 2 - CUIDADO NA PRÁTICA EDUCATIVA: POR QUE OFERECER ESCOLAS PARA CRIANÇAS MENORES DE DOIS ANOS?

2.1 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA ENTRE QUATRO E DEZOITO MESES	31
2.2 CUIDAR É DIFERENTE DE EDUCAR?	33
2.3 COMO ATUAR NO BERÇÁRIO	35
2.4 O CURRÍCULO E OS PROFISSIONAIS DA PEDAGOGIA	36
2.5 A FUNCIONALIDADE DO PEDAGOGO	37
2.6 FORMAÇÃO CONTINUADA	38

CAPÍTULO 3 - A CRIANÇA MENOR DE DOIS ANOS NA ESCOLA: VIVÊNCIA E APRENDIZADO

3.1 EXPERIÊNCIA NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL Nº 1	40
3.1.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL	40
3.1.2 DIÁRIO DE BORDO	48
3.2 ENTREVISTAS COM A EQUIPE PEDAGÓGICA	56
3.2.1 METODOLOGIA	57
3.2.2 EXPOSIÇÃO DOS DADOS	57
3.2.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	61
3.3 QUESTIONÁRIO PARA OS RESPONSÁVEIS	61
3.3.1 METODOLOGIA	61
3.3.2 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	62
3.3.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	67

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

PARTE III

<u>PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL: O SONHO DE UMA EDUCAÇÃO COM QUALIDADE DE APRENDIZAGEM COGNITIVA E EMOCIONAL</u>	75
---	-----------

APRESENTAÇÃO

Este trabalho encontra-se dividido em três partes. **A primeira parte** é constituída por minhas experiências educativas formais e não-formais. Trata-se de um memorial em que relato fatos significativos de minha trajetória até o presente momento.

A segunda parte trata da dualidade entre cuidado e educação existente, especialmente, entre os profissionais da Educação Infantil e está dividida em 3 (três) capítulos.

No primeiro capítulo, trato do contexto histórico em que a Educação Infantil teve origem e da legislação existente para essa etapa da Educação Básica e, mais especificamente, para o Berçário.

O segundo capítulo aborda a inserção do cuidado na prática educativa e suas abordagens. Além disso, explicita conceitos de cuidado e educação e apresenta propostas de trabalho em Berçário. Por fim, ressalta a importância da formação do profissional para a Educação Infantil e aponta alterações necessárias ao modelo atual.

O terceiro capítulo trata da minha vivência com uma turma de Berçário em uma escola pública do Distrito Federal. Há a identificação do local, relato das experiências e opiniões de pais e professores acerca da necessidade e funcionalidade da creche.

A terceira e última parte diz respeito às minhas expectativas quanto ao futuro. É uma breve sinalização sobre os planos que possuo, como pretendo realizá-los e como minha formação os influencia.

PARTE I
MEMORIAL

**APRENDENDO SEMPRE: A EDUCAÇÃO PERMEIA CADA
ASPECTO DE NOSSAS VIDAS**

APRENDENDO SEMPRE: A EDUCAÇÃO PERMEIA CADA ASPECTO DE NOSSAS VIDAS

ERA UMA VEZ...

Gosto de começar uma história assim, como tantas outras antes da minha. Nasci em agosto de 1986, em Brasília. Desde então, como todo o mundo, comecei a receber influências diversas de minha família e da sociedade como um todo.

Minha irmã, três anos e meio mais velha que eu, escolheu meu nome dentre as opções que meus pais desejavam. Já nesse momento ela demonstrava o quanto seria responsável por escolhas fundamentais para minha vida. Meu exemplo e ídolo, ela seria o meu ideal durante toda a infância.

Com uma enorme família, tive inúmeros educadores durante a primeira infância. Meus pais, avós, tios e primos. Todos me ensinando valores e me ajudando em todos os aspectos do desenvolvimento.

Sempre tive dificuldade para compreender e explicar o conceito de família que, para mim, sempre abrangeu muito mais pessoas do que para a maioria. A todos eles, devo minha formação e caráter.

COLÉGIO ROSÁRIO

Minha primeira experiência escolar foi em 1989, aos 2 (dois) anos de idade, na Escola Classe 316 sul, mas não tenho lembranças de lá. No ano seguinte, fui para o Colégio Rosário onde minha irmã e vários primos estudavam. De lá, tenho inúmeras recordações: algumas ruins, mas a maioria excelente. Estudei nessa escola por 10 (dez) anos - 2 (dois) anos de Educação Infantil e 8 (oito) anos de Ensino Fundamental.

Lá, minha primeira professora foi a Tia Denise que demonstrava todo seu carinho pelos alunos e nos estimulava a ser independentes e eficientes. Com ela - e com a ajuda da minha irmã também - aprendi a ler ainda aos 4 (quatro) anos. Ou seja, no ano seguinte, quando toda a turma estava sendo alfabetizada, eu já lia bem.

Foi ótimo para mim, pois, pela regra do colégio, como eu só completaria 7 (sete) anos em agosto de 1993, não poderia cursar a primeira série do Ensino Fundamental naquele ano. Mas, devido ao meu histórico de facilidade de aprendizagem, me deixaram prosseguir junto com minha turma.

Eu passaria por inúmeros problemas naquele ano devido à separação dos meus pais, mas, felizmente, havia novamente uma professora maravilhosa em minha vida: Tia Neila. Ela ajudou muito durante essa fase difícil.

Durante todo o Ensino Fundamental tive várias professoras e, mais tarde, professores dedicados. Uma, porém, foi mais marcante: Rosane, professora de Inglês. Ela me estimulava a ser sempre melhor e não se contentava com a mediocridade. Com ela, aprendi a estabelecer metas e, uma vez que elas fossem alcançadas, aumentá-las.

Eu tinha diversos amigos no colégio e não conhecia muitas pessoas fora de lá. Por isso fiquei muito triste quando chegou a formatura da oitava série, pois teria que ir para outra escola que possuísse Ensino Médio.

Era muito acostumada ao ambiente e, principalmente, às pessoas com quem sempre convivi e sentiria muita falta de tudo isso. Mas já era hora de mudar e, apesar do medo do desconhecido, estava animada com as novidades.

INSTITUTO PROCESSUS

Novamente fui para o mesmo colégio que minha irmã, porém, desta vez, ela se formara no Ensino Médio quando eu comecei o primeiro ano. Nem por isso ela deixou de ser meu exemplo, principalmente porque todos os professores nos comparavam e sempre esperavam que eu me saísse tão bem quanto ela.

A mudança foi muito difícil para mim e não conversei com ninguém na primeira semana de aula. Na segunda, uma menina veio conversar comigo e tornou-se minha amiga. Gabi foi minha tábua de salvação durante todo o primeiro semestre daquele ano, pois, além dela, a única amiga com quem mantive contato depois da mudança de escola foi a Rafa.

Como não falava com outras pessoas, dedicava muito tempo aos estudos e me destaquei bastante. À época, pretendia cursar Medicina na UnB

e todo esse estudo seria necessário. Também me rendeu o apelido “Nerd”, mas só a Gabi me chamava assim.

No segundo semestre, Nita, amiga de Gabi entrou no colégio e tornou-se minha amiga. Com a ajuda dela, passei a interagir um pouco mais com as pessoas, mas sem deixar os estudos de lado. Nunca me senti rejeitada, mas, ainda assim, tive muita dificuldade para me relacionar conforme era o normal para mim no Rosário.

No ano seguinte, com novos alunos no colégio, fiz mais amigos e passei a me sentir mais a vontade lá. Nanda, em especial, foi alguém que me ajudou ainda mais com minha timidez. Ela me mostrou que não era necessário importar-se tanto com o que todos pensariam sobre seus atos, pois sempre haveria quem criticasse. As pessoas importantes são aquelas das quais gostamos; apenas essas opiniões devem nos guiar.

Apesar dos novos amigos, continuava estudando bastante porque Medicina ainda era meu sonho, mas estava mais relaxada. Havia me saído muito bem na primeira etapa do PAS - UnB (Programa de Avaliação Seriada) e diminuí o ritmo de estudos. Foi um ano de muito equilíbrio entre diversão e dever e, principalmente, um ano de muitas descobertas e mudanças.

Tudo serviria de preparação para o ano seguinte quando, entusiasmada pela formatura, deixaria os estudos em segundo plano. Ainda assim, fui monitora de Biologia, Química e Português durante todo o terceiro ano do Ensino Médio.

Minha professora de Gramática e Redação - Denise - dizia que eu tinha muita afinidade com o ensino e me incentivava a conhecer os cursos na área de Educação.

Não havia me saído muito bem na segunda etapa, pois não me sentira bem no dia da realização da prova. Tinha nota boa o suficiente para entrar no curso de Biologia e diversos outros de Licenciatura que me interessavam. Mesmo assim, ao enviar o formulário de inscrição para a terceira etapa do PAS e para o vestibular tradicional, marquei Medicina como opção.

Não estava preocupada com os resultados, pois ainda não me sentia pronta para a Educação Superior. Por isso, acredito que o tempo que levei para ingressar à UnB foi excelente para outros processos educacionais que ainda necessitava acrescentar ao meu “currículo”.

CURSINHOS E MAIS CURSINHOS...

Como não passei no PAS ou vestibular, no primeiro semestre de 2004, comecei um cursinho no PREVEST. Novamente, minha timidez dificultou minha inserção no local e, em parte por isso, não aproveitei muito o conteúdo. Apenas em parte, já que eu não estava muito empenhada nos estudos, pois estava curtindo muito o novo estilo de liberdade pós Ensino Médio.

No segundo semestre, morei em Uberaba - MG, cidade natal de meu pai, e fiz mais um cursinho. Nessa ocasião estudei bastante e fiquei muito próxima da classificação para Medicina, mas já começava a repensar essa escolha.

Fiquei muito dividida ao final daquele ano, pois gostava de morar em ambos os lugares. Foi uma fase da vida em que fiz muitos amigos e voltei a ser uma pessoa mais extrovertida como havia sido o comum pra mim durante a maior parte da vida. Conheci muitas pessoas que são, até hoje, alguns dos meus grandes amigos. Mas, de todos, quem ficou em Uberaba e faz muita falta é Ilariane que, de tão amiga, tornou-se prima de consideração e passou a morar com minha tia.

Quando voltei, Nita e Nanda apresentaram-me uma nova amiga - Yumi - e, desde então, formamos um grupo inseparável e, por maior que seja o tempo que passemos sem conseguirmos nos encontrar, sempre nos esforçamos para que aconteça e a amizade permanece intacta.

No primeiro semestre de 2005, voltei para Brasília e fiz, novamente, o cursinho PREVEST. Decidi, pela primeira vez, prestar o vestibular da UEG - Universidade Estadual de Goiás. Além disso, devido a inúmeros fatores, mas, principalmente, por incentivo da professora Denise com quem eu me reencontrara no cursinho, mudei minha opção no vestibular da UnB para Pedagogia.

Sabia que a nota de corte era muito inferior às minhas notas costumeiras, então não fiquei surpresa, apesar de extremamente feliz, quando fui aprovada. Porém, e isso sim foi uma surpresa, também me classifiquei para Medicina na UEG e teria que decidir qual das duas cursar.

Apesar da pressão de algumas pessoas da família, nunca estive realmente disposta a me mudar para Goiânia (onde mora parte de minha família) e, no fundo, já havia decidido que Medicina não era mais meu sonho.

Sempre sonhei me tornar pediatra, mas descobri, na Pedagogia, um contato muito mais intenso e recompensador com as crianças.

EDUCAÇÃO SUPERIOR

O primeiro dia de aula na universidade coincidiu com meu aniversário: um presente maravilhoso, pois já estava cansada das aulas do cursinho. Porém, menos de um mês depois do início das aulas, começaria uma greve que duraria mais de 100 (cem) dias. Só retornaríamos às aulas em Janeiro, mas já estava encantada com as possibilidades que o curso oferecia e não me cansava de pesquisar sobre as áreas de atuação.

Desde o início da graduação, já tinha certeza que gostaria de trabalhar com Educação Infantil, mas, no segundo semestre de 2008, conheci a classe hospitalar e repensei essa escolha. Ainda queria trabalhar com crianças pequenas, mas achei que talvez direcionasse para a área hospitalar. No fim do semestre, percebi que não conseguiria lidar com vários aspectos desse trabalho e tive certeza que a Pedagogia era uma opção muito mais condizente com minha personalidade do que a Medicina poderia ter sido.

A professora mais marcante tanto em quantidade quanto em qualidade de tempo foi a professora Solange Amato de Educação Matemática. Fiz, além de Educação Matemática I e II, duas fases do Projeto 3 e um estágio sob sua supervisão.

Não conheci muitos colegas de curso durante a graduação, mas alguns foram mais presentes em alguns momentos. Logo no início, conheci a Nathália, única com quem eu ainda mantenho contato da turma original, o Bruno e o André com quem passei boa parte dos três primeiros semestres. Depois, conheci a Janara que veio de Santa Catarina e a Mariane com quem fiz estágio por pouco mais de um mês no colégio Projeção.

Conheci também várias pessoas de outros cursos e, com muitos deles, consegui uma amizade que extrapolava os limites da Universidade. Yumi me apresentou Alan, Pedro e Batata e, por intermédio deles, conheci Stefano, meu namorado. São as pessoas com quem mais convivo e que mais acompanharam minha trajetória durante a graduação.

Passei por muitas frustrações durante o curso e a combinação delas com o muito tempo que os estágios exigiam acabou acarretando atrasos e

muitas desistências durante a graduação. Esses atrasos refletiram diretamente na duração do curso e, por isso, estou me formando 12 (doze) semestre após minha entrada. Mas não é algo de que me arrependa, pois o tempo que dediquei fora da UnB foi tão importante para minha formação quanto o tempo dedicado em sala de aula.

O curso, devido à sua premissa de formação integral do profissional, é muito amplo e, quem não sabe exatamente qual é sua área de interesse acaba encontrando muitas dificuldades para seguir uma linha e aprofundar-se em alguma delas.

Apesar de sempre ter querido direcionar meu curso para a área de Educação Infantil, a própria constituição da UnB, às vezes dificulta que se sigam as pretensões iniciais. Hoje, com o conhecimento que tenho sobre o funcionamento da universidade, faria várias escolhas diferentes.

Mesmo com todas as dificuldades encontradas durante o caminho, acredito que o curso foi altamente proveitoso na minha formação. Mas seria extremamente incompleto se não houvesse a oportunidade de estágios - obrigatórios ou não.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA

No terceiro semestre da graduação, em agosto de 2006, comecei a procurar por estágios e, muito mais rápido do que imaginava, comecei a trabalhar no Jardim de Infância Mônica, na turma de Maternal - 2 (dois) e 3 (três) anos - com outra estagiária, aluna da UnB.

Lembro que, logo na primeira semana, passei por inúmeras situações típicas de escola. Aluna com febre no primeiro dia, vômitos no segundo, choro dos alunos novos e algumas quedas no parque. Do ponto de vista da aprendizagem para a prática foi uma experiência muito proveitosa.

Comecei o estágio em setembro, por isso, não lidei muito com a inserção dessas crianças na escola ou com suas características no começo do ano. No fim, começamos a trabalhar nomes e algumas letras com as crianças para prepará-las para o ano seguinte.

Eu continuaria trabalhando na mesma escola em 2007, mas, dessa vez, como auxiliar da professora da Alfabetização e professora de Inglês e Informática às terças e quintas. De todos os momentos de estágio, acredito que

este foi o que mais agregou valor à minha prática. Fiquei encantada com a aprendizagem das crianças e com a percepção da minha contribuição para tanto. E, como professora de Inglês e Informática, tinha contato com todas as crianças da escola e percebia os diferentes ritmos de aprendizagem.

Em 2008, fiz dois curtos estágios: no Colégio Projeção e na Escola Canarinho. Fiquei cerca de três meses no primeiro, mas a experiência com o Ensino Fundamental não me agradou e tive certeza de que preferiria trabalhar com a Educação Infantil. Na Escola Canarinho, fiquei por um mês, mas não me adaptei ao sistema da escola e decidi voltar para o Jardim de Infância Mônica.

No ano seguinte, trabalhei na Escola DNA como auxiliar de sala na turma Integral. Aprendi a lidar com vários aspectos do cuidado infantil com os quais não havia tido muito contato anteriormente como banho e hora do sono. Mas discordava de inúmeras posturas da direção e sentia falta de estar em sala de aula e acompanhar a aprendizagem formal das crianças e, por isso, mudei de estágio.

Comecei a trabalhar na LED Esportes em maio de 2009. Era um ambiente educacional completamente diferente dos que eu conhecia e estava acostumada. Assistíamos crianças entre 2 (dois) e 14 (catorze) anos que faziam atividades físicas e reforço escolar. Minha função principal era ajudá-las com o dever de casa e proporcionar tarefas de estudo para as mais velhas. Mas também auxiliava nos horários de troca de roupa, lanche e saída. Era um trabalho bastante corrido, mas muito recompensador e instrutivo. Gostei bastante de rever conteúdos com os quais não tinha contato há muito tempo para ensiná-los às crianças.

Em 2010, para me dedicar mais a UnB, decidi não fazer estágios. Mas, para não ficar sem nenhuma ocupação, comecei a dar aulas particulares para crianças com dificuldades de aprendizagem. Como eu precisava desenvolver atividades diferentes para cada uma delas, aprendi muito sobre as necessidades de cada uma e sobre como transformar determinadas matérias para que elas se interessassem.

As aulas particulares foram especialmente importantes para o desenvolvimento de uma habilidade muito precária em mim: o relacionamento com a família dos alunos. Devido a minha timidez, tinha muita dificuldade em conversar com os pais e passar-lhes a segurança necessária. Por isso,

acabava sempre delegando essa incumbência para outros funcionários da escola.

Como não possuía mais esse tipo de subterfúgio, acabei aprendendo a lidar melhor com as famílias e meu nervosismo perante elas. De algumas, acabei me tornando amiga e participativa na vida. Quando a avó de uma de minhas alunas faleceu, ela passou a conversar comigo sobre o luto e pude ajudá-la (e à família) a compreender o que acontecera.

Por falta de tempo e desconhecimento do funcionamento dos projetos, deixei o estágio obrigatório para ser realizado durante o último semestre, em conjunto a monografia.

Como escreveria sobre Berçário, procurei a única escola pública que oferece esse serviço no Distrito Federal: o Centro de Educação Infantil nº 1 (CEI 1).

Fui muito bem recebida na escola tanto por parte da direção quanto da professora e dos auxiliares e pude interagir livremente com as crianças. Havia 22 (vinte e duas) crianças matriculadas e quatro monitores.

Eu não participava da alimentação ou higienização das crianças, mas durante meu período de estágio, houve uma greve dos auxiliares de Educação. A escola manteve o funcionamento em caráter experimental e, a professora e eu ficávamos com as crianças durante a manhã.

Durante duas semanas, ajudei-a a alimentar, trocar as fraldas e dar banho nos bebês. Ela tentava sempre evitar me dar trabalho, mas eu realmente gostava desses momentos. A hora do banho, em especial, era apreciável, pois era um momento de estimulação individual para o bebê e de aprendizado para mim que não tinha prática com crianças tão pequenas.

Os estágios foram o que me fizeram ter certeza de que havia optado pelo curso correto no vestibular. Dizem que, para ser bom no que se faz é preciso, além de estudo e dedicação, gosto por esse trabalho. Se for assim, sinto-me confiante quanto às minhas capacidades.

FELIZES PARA SEMPRE?

Os contos de fada, de modo geral, terminam com o fatídico “felizes para sempre”. Esse, porém, não é um conto de fadas e, sim, uma história real que, além de não poder garantir a felicidade eterna, não está sequer próxima de um

fim. Ainda estou apenas começando minha carreira e mais tantos outros projetos importantes em diversas áreas da vida. Espero que consiga me sair bem em todos eles, mas sei que não é possível ter sucesso no que se faz sem que haja muito esforço.

Um de meus projetos é abrir minha própria escola de Educação Infantil e aplicar tudo o que aprendi de melhor durante meu curso e meus estágios. Mas, como fui classificada no concurso para professor de Atividades em 2010, talvez trabalhe por pelo menos algum tempo no ensino público.

Felicidade é a meta de todos e, é claro, não é algo eterno e imutável. O que faremos para sempre é aprender. Se nos dispusermos a tanto (e há que se pensar que os educadores o façam), aprenderemos sempre e com todos que nos cercam.

PARTE II
MONOGRAFIA

**CUIDAR E EDUCAR NO BERÇÁRIO: A CRIANÇA ENTRE
QUATRO E DEZOITO MESES NA ESCOLA**

INTRODUÇÃO

A sociedade, de modo geral, encara a criança menor de 2 (dois) anos como sujeito que se desenvolverá e, a partir de então começará a aprender e poderá ser educado.

O ponto principal deste trabalho é desmistificar essa dualidade entre cuidado e educação presente inclusive no discurso dos profissionais formados nos cursos de Pedagogia.

Bógus *et al.* (2007) citam que, para o senso comum

cuidar, geralmente, implica em um trabalho manual, que vem sendo realizado ao longo da história da humanidade como atividade simplesmente prática, segundo bases empíricas, tendo, portanto, menor valor social. Educar é relacionado a dar aulas e, portanto, torna-se incompreensível, para os leigos, a função de uma professora junto a crianças pequenas.

Cuidar e educar são duas atividades que não se excluem e, ao contrário, se completam. É impossível educar uma criança sem cuidá-la e, por outro lado, ao cuidá-la, já a estamos educando.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (1996), a criança deve ser entendida em seu desenvolvimento integral, valorizando-se tanto aspectos físicos quanto psicológicos e intelectuais.

Partindo desse princípio, observa-se a necessidade da formação diferenciada para o profissional destinado a trabalhar com a Educação Infantil, especialmente com crianças entre 4 (quatro) e 18 (dezoito) meses.

Neste trabalho, são apresentadas experiências concretas de minha vivência em uma turma de Berçário, a rotina seguida pelos funcionários, além de expectativas dos pais com relação à creche.

Diante das necessidades observadas, foi feita a pesquisa sobre o desenvolvimento infantil e a formação do profissional da área, constatando-se a urgência na especialização dos mesmos para o trabalho com crianças menores de 2 (dois) anos.

Sobre tal profissionalização, Schultz (2002) ressalta que

o profissional encarregado da Educação Infantil deve ter, basicamente, um perfil de afinidade com o trato de bebês e crianças bem pequenas e ao mesmo tempo deve apresentar um fundamento

constituído por conhecimentos pedagógicos e psicológicos para realizar a “maternagem” dos de seis meses aos dois anos.

Para que seja possível, é preciso transformar a própria formação do profissional da área.

Ao longo do trabalho serão discutidas teorias de desenvolvimento e forma de trato da criança nos seus primeiros meses de vida. Também serão apontadas falhas e necessidades das escolas e dos professores comumente encontradas na Educação Infantil.

CAPÍTULO 1

DE FREDERIC FROEBEL AOS REFERENCIAIS CURRICULARES: UM BREVE APANHADO DA HISTÓRIA E DA LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este capítulo resume brevemente os pontos importantes sobre a história e a legislação da Educação Infantil, pois é de posse dessas informações que podemos propor melhorias e avanços.

1.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para entender os pressupostos que nortearam a concepção de Educação Infantil ao longo dos anos, é preciso destacar o papel da mulher e da criança e suas alterações ao longo dos tempos.

Ghiraldelli (2007) pontua que “a infância, mais ou menos como a conhecemos, é uma noção que não tem mais que quinhentos anos”. A valorização da criança pela família não foi a regra durante a maior parte da existência do homem.

Devido à grande influência da Igreja Católica que, durante muitos séculos era indissociável do Estado, a mulher carregava um grande estigma, sendo a portadora do pecado original. A criança, por sua vez, era o fruto desse pecado e, portanto, pouco merecedora de cuidados.

Durante as guerras, as grandes baixas nos números de combatentes começaram a preocupar Estado e Igreja. Houve a necessidade de cuidar dos pequenos para que fosse possível a reposição dos soldados.

Rizzo (2010) afirma que

o que motivou o início da preocupação com os cuidados com a criança foi, na verdade, a necessidade da preservação das riquezas, das propriedades e do poder do Estado-Igreja.

Após as guerras e durante a Revolução Industrial, o abandono da criança voltou e ainda mais contundente. A necessidade da inserção da mulher

no mercado de trabalho aumentou os riscos de maus-tratos e os índices da mortalidade infantil.

A primeira instituição de escola para crianças entre dois e seis anos de que se tem notícia surge em Paris em 1774, criada por João Frederico Oberlim (RIZZO, 2010). Não havia proposta didática fundamentada, apenas uma opção para as mães da burguesia que precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar seus filhos.

Em 1837, Frederic Froebel criou o que chamou de Jardim de Infância. Sua proposta era a de um local para o desabrochar das potencialidades da criança. Havia, porém, uma grande diferença entre essa e as demais tentativas de criação de um espaço para crianças. Havia um currículo centrado em suas necessidades e características e idéias inovadoras a respeito de seu desenvolvimento (ANGOTTI, 2010).

Em 1909, acompanha-se novamente uma revolução no contexto da Educação para crianças quando Maria Montessori propõe a adaptação do mobiliário da escola ao tamanho das mesmas. Tal proposta abre caminhos para toda uma repaginação sobre equipamentos e materiais adequados às crianças.

No Brasil, em 1922, realizou-se o 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância que estabeleceu que a creche tinha como finalidade combater a pobreza e a mortalidade infantil e atender aos filhos da mulher trabalhadora.

Segundo Kuhlmann Jr. (2000), as primeiras creches foram criadas no período da República. Por volta de 1924 havia 47 (quarenta e sete) instituições distribuídas pelas capitais e outras cidades do país.

Kuhlmann Jr. cita ainda que, devido a interesses políticos,

até meados da década de 1970, as instituições de educação infantil viveram um lento processo de expansão, parte ligada aos sistemas de educação, atendendo crianças de 4 a 6 anos, e parte vinculada aos órgãos de saúde e de assistência, com um contato indireto com a área educacional.

Vitta e Emmel (2003) também abordam esse processo de formação das creches no Brasil. Segundo elas a creche

sofreu influência direta do pensamento médico e, mais tarde, do assistencialista, sendo que as condições de funcionamento implicavam na garantia da saúde das crianças.

Porém, no final dos anos 90, começa-se a discutir a inseparabilidade do cuidado e da educação desde a mais tenra idade e a necessidade do oferecimento desse serviço. Ainda mais importante, passa-se a entender a escola de Educação Infantil não mais como um direito da família e, sim, um direito da própria criança.

De acordo com Rizzo (2010), a evolução mais necessária à Educação Infantil, especialmente com relação às crianças menores de dois anos, é a desmistificação do “amor materno”. Ela aponta que nem todas as mulheres tem a paciência ou a habilidade necessária para tratar com crianças pequenas e, por isso, “a creche deve estar disponível para todas as crianças, independentemente de suas mães trabalharem fora ou não”.

1.2 LEGISLAÇÃO ATUAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

A sociedade tem, cada dia mais, prestado maior atenção à Educação como um todo e, mais especificamente, à Educação das crianças pequenas: a Educação Infantil.

De caráter assistencialista que possuía em seu princípio, e, posteriormente, de preparação para a escola, a Educação Infantil hoje tem um currículo e objetivos próprios. As potencialidades e necessidades das crianças são estudadas e, por meio delas, especificam-se as formas de atuação.

A Constituição Federal (1988) estabelece em seu artigo 208, inciso IV, o “atendimento em creche e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade”.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases reitera essa ideia e dispõe sobre as finalidades da Educação Infantil. O artigo 29 diz que

a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Houve, portanto, destaque que ainda não se havia visto anteriormente a esta etapa da Educação Básica.

Dois anos depois, foram criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998) que tratam sobre as propostas pedagógicas das instituições trazendo os Fundamentos Norteadores da prática:

- a) Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum;
- b) Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do Exercício da Criticidade e do Respeito à Ordem Democrática;
- c) Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade e da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.

As Diretrizes tratam ainda dos critérios de avaliação, da gestão democrática e da adequação das propostas mediante necessidades próprias da localidade.

Para garantir ainda mais fundamentos para a prática nas instituições, foi elaborado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1999). Ele é voltado especificamente para o professor desta etapa da Educação Básica e propõe-se a ser um guia da prática pedagógica.

O texto aborda a prática do cuidar e do educar em ambiente escolar e os relaciona como partes de um todo além de ressaltar a importância da verificação do contexto social das crianças.

Em 2001, seria lançado o Plano Nacional da Educação com metas a serem cumpridas até o fim do decênio. A primeira delas tratava que se deveria alcançar a taxa de 50% das crianças entre 0 (zero) e 3 (três) anos atendidas por instituições de Educação Infantil. Neste ano, porém, que seria o ano final do prazo, está sendo discutida a aprovação de um novo Plano Nacional de Educação em que uma das metas é que essa mesma taxa seja alcançada até o ano de 2020.

Especialmente no que se refere a Educação Infantil, o Ministério da Educação admite que as metas são difíceis de serem alcançadas, mesmo repetindo-as.

Em 2010, ficam estabelecidas as Normas de funcionamento das unidades de Educação Infantil ligadas à Administração Pública Federal direta, suas autarquias e fundações.

Nesse documento, ficam dispostas regulamentações para o exercício da prática nas instituições. Ele aborda desde critérios organizacionais como a relação de recursos humanos da unidade e a especificação do regime de funcionamento, até os pontos essenciais do Projeto Político Pedagógico a serem apontados pela instituição.

1.2.1 LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA PARA O BERÇÁRIO

A Lei de Diretrizes e Bases (1996) desmembra a Educação Infantil em dois segmentos: a creche e a pré-escola. A creche se destina ao atendimento das crianças entre 0 (zero) a 3 (três) anos, enquanto a pré-escola, às de 4 (quatro) e 5 (cinco) anos.

Sendo assim, o Berçário seria parte da creche, sobre a qual há bem menos material legislativo do que sobre a pré-escola.

Ainda assim, há normas e metas estabelecidas pelas Diretrizes e Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e outros pareceres do Ministério da Educação.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1999), já em seu início, dispõe sobre as necessidades das crianças menores de, especificamente, 12 (doze) meses de idade.

Ele trata sobre as formas de grupamento das crianças e o respeito às suas características fundamentais. Além disso, ressalta pontos fortes e fracos a respeito dos diversos tipos de grupamentos possíveis.

A Revisão das Diretrizes Curriculares (2009) trata da proporção entre crianças e adultos nos grupamentos por idade e recomenda

a proporção de 6 a 8 crianças por professor (no caso de crianças de zero e um ano), 15 crianças por professor (no caso de criança de dois e três anos) e 20 crianças por professor (nos agrupamentos de crianças de quatro e cinco anos).

Além disso, dispõe sobre a necessidade da parceria das instituições com as famílias para que seja possível “integrar as ações e projetos educacionais das famílias e das instituições”.

A legislação não aponta, porém, número máximo de crianças por sala, o que, para qualquer etapa da Educação, pode ser fator comprometedor da qualidade do trabalho realizado.

No caso específico do Berçário, tal fato gera ainda a possibilidade da insegurança de que os padrões de cuidados com a saúde das crianças sejam mantidos, pois a grande quantidade de pessoas no ambiente aumenta os riscos da propagação de doenças (RIZZO, 2010).

Vitta e Emmel (2003) apontam ainda que

os documentos oficiais que versam sobre educação infantil, pouco discutem a fase de 0 a 18 meses, deixando imprecisa a relação entre as atividades de cuidado e seu papel educacional.

Essa imprecisão no discurso oficial gera ainda mais incertezas nas formas de atuação dos profissionais na prática. Tendo em vista que, segundo Barros (2011)

do nascimento até os 3 anos de idade, vive-se um período crucial, no qual se formarão mais de 90% das conexões cerebrais, graças à interação do bebê com os estímulos oriundos do ambiente em que vive,

é necessário que exista uma maior atenção e preocupação com essa etapa da Educação.

CAPÍTULO 2

CUIDADO NA PRÁTICA EDUCATIVA: PORQUE OFERECER ESCOLAS PARA CRIANÇAS MENORES DE DOIS ANOS

O segundo capítulo deste trabalho explora o desenvolvimento das crianças menores de dois anos, a dualidade existente na relação entre cuidado e educação e as formas de propiciar as melhores condições para que ele ocorra satisfatoriamente.

2.1 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA ENTRE QUATRO E DEZOITO MESES

Existem várias correntes pedagógicas e psicológicas que buscam explicar o desenvolvimento das crianças. Nem sempre elas são completas ou satisfatórias em si e, por isso, é possível e necessário apropriar-se da maior quantidade possíveis de informações para melhor entender e otimizar a prática profissional.

Carrara (2004) aponta que,

diferentemente dos outros animais, que trazem, ao nascer, o conjunto de habilidades que vão desenvolver na vida adulta, o homem precisa aprender as habilidade que irá desenvolver.

Tal característica ressalta o papel fundamental da Educação para o desenvolvimento humano. Ela concede ao homem a oportunidade de aprender não apenas a partir das próprias experiências, mas, também, de ser ensinado e ensinar por meio de experiências que não viveu.

Para que seja possível compreender a criança como ser integral e, sendo assim, auxiliar seu desenvolvimento, é preciso, primeiramente, “entender a criança enquanto produto de uma dada cultura, mas, também, considerá-la enquanto produtora da mesma” (ANGOTTI, 2010).

Para Vigotski (2007), a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento e, sem o contato da criança com a cultura, não ocorrerá criação das capacidades humanas.

Já Piaget (2002) acredita que o desenvolvimento precede e possibilita a aprendizagem. A cultura continua sendo peça fundamental, mas, diante dessa perspectiva, com a função de estimular a criança para que, desenvolvendo-se, seja capaz de aprender.

Vitta e Emmel (2003) pontuam que “a falta de estimulação adequada ao bebê, prejudica a aquisição dos movimentos e do desenvolvimento da compreensão de mundo”.

A criança menor de 2 (dois) anos é sujeito de plenas potencialidades, mas que, se não forem devidamente estimuladas podem, por vezes, nunca se desenvolver completamente. Para que seja capaz de estimular devidamente a criança, o professor deve ser conhecer essas potencialidades.

Rizzo (2010) aponta as características marcantes das crianças entre 0 (zero) e 18 (dezoito) meses subdividindo-as em 3 (três) grupos. As crianças até 6 (seis) meses ainda não engatinham e dormem por longos períodos. As crianças entre 6 (seis) e 12 (doze) meses já engatinham, começam a tentar se manter em pé e andar, compreendem pequenas frases e tem maiores períodos de vigília. Entre os 12 (doze) e os 18 (dezoito) meses a criança já anda livremente, fala algumas palavras, imita os gestos do adulto e aponta objetos e partes do corpo.

Tendo vista tais características, é possível concluir que, as crianças, dependendo de sua idade, precisam de estímulos diferenciados para o seu desenvolvimento.

Para Pereira (2009)

toda criança apresenta seu padrão característico de desenvolvimento adquirido pela influência do meio familiar e social. É nos primeiros anos de vida que os progressos no desenvolvimento psicomotor surgem com mais intensidade.

Diante de tais percepções acerca do desenvolvimento infantil, é preciso que o professor conheça as teorias e, em sua prática e, a partir das situações vivenciadas com as crianças com as quais trabalha, seja capaz de proporcionar-lhes as melhores condições de aprendizagem possíveis.

A criança que frequenta a escola precisa que os estímulos que seriam ou não oferecidos por sua família em casa, sejam ainda mais presente e direcionados na instituição.

2.2 CUIDAR É DIFERENTE DE EDUCAR?

A criança que ainda não sabe andar, falar ou controlar seus esfíncteres é sujeito de necessidade de cuidado integral.

Bógus *et al.*(2007) destacam que

na creche, os cuidados prestados à criança de zero a dois anos de idade referem-se à higiene, à alimentação, ao desenvolvimento, às atividades lúdicas e à saúde, independentemente da qualidade do cuidado que ela possa receber em casa e das outras pessoas responsáveis por ela.

Porém, tais necessidades não invalidam a aprendizagem e educação das crianças. Pelo contrário, ao cuidar, o adulto está, por meio da cultura, ensinando-a.

Vitta e Emmel (2003) citam que

educar a criança é uma ação integrada ao cuidá-la, ou seja, uma não exclui a outra. As atividades que envolvem o cuidar do bebê em creche, exigem uma rotina organizada, caracterizada por alimentação, higiene, descanso e recreação.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1999) define cuidar como

ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados.

O mesmo documento também apresenta a definição de educar como sendo

propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

Acerca de tais excertos, Vitta e Emmel (2003) pontuam que “o cuidado envolve aspectos afetivos, emocionais e cognitivos, estando intimamente relacionado com a proposta de educação”.

A perspectiva é coerente com a moderna noção de "cuidado" que tem sido usada para incluir todas as atividades ligadas à proteção e apoio necessárias ao cotidiano de qualquer criança: alimentar, lavar, trocar, curar, proteger, consolar, enfim, "cuidar", todas fazendo parte integrante do que chamamos de "educar". (CAMPOS, 1994)

Campos (1994) ainda ressalta que não apenas as crianças menores de 2 (dois) anos possuem estas necessidades, mas todas elas. E, se todas têm o direito à educação, qualquer instituição que as atenda deve levá-las em conta ao definir seus objetivos e seu currículo.

Com respeito à alimentação, por exemplo, é papel da escola e do professor trabalhar em conjunto a família para que a aquisição dos novos hábitos alimentares seja semelhante em todos os espaços frequentados pela criança. (BÓGUS ET AL., 2007)

Pontuam ainda que o “educador é essencial na formação das boas práticas alimentares da criança”. Ele deve acompanhar as refeições respeitando o ritmo da criança e estimular sua autonomia.

Nem sempre, porém tais critérios são a regra. Vitta e Emmel (2003) pontuam em suas pesquisas que “as atividades de cuidados são realizadas dentro de uma rotina que envolve espaço e tempo limitados e os atos são automáticos”. Ainda segundo as autoras, esse automatismo diminui a interação com a criança e, por isso, a proximidade entre cuidado e educação não se efetiva.

Rogério (2011) destaca que

o sono desempenha um papel fundamental no desenvolvimento físico e emocional de crianças e adolescentes que estão num período de intenso aprendizado e desenvolvimento.

Há crianças que tem mais necessidade de sono que outras, mesmo estando na mesma faixa etária. Isso demanda sensibilidade e atenção por parte dos educadores que devem respeitar o ritmo de cada criança. Diante disso, o sono nunca deve ser uma coisa imposta e os profissionais de educação deverão planejar as atividades oferecidas aos bebês levando em consideração o momento do descanso dentro da rotina de atividades.

Ao tratar sobre essa rotina, Vitta e Emmel (2003) constataram que

o brincar não faz parte das atividades de rotina, os profissionais não têm planejamento e não sabem o que pode ser desenvolvido durante esses momentos, ou seja, são atividades desestruturadas, sem objetivos e realizadas ao acaso, nos momentos de folga da rotina.

Parece ser algo inerente à criança, e não uma das funções das profissionais.

Todas as atividades realizadas com a criança permitem o seu desenvolvimento ao mesmo tempo em que são sanadas as suas necessidades. Cabe ao educador perceber e imputar intenção a tais atos a fim de que a criança seja beneficiada.

2.3 COMO ATUAR NO BERÇÁRIO

Algumas atividades são bastante específicas para determinadas faixas etárias. Além dos momentos de higienização e alimentação que já foram esmiuçados anteriormente, outros são de grande importância para o desenvolvimento da criança entre 4 (quatro) e 18 (dezoito) meses. Alguns deles serão abordados e sugestões acerca de atividades para serem realizadas serão feitas nesse espaço.

Antes dos 12 (doze) meses a criança tem vários períodos de sono ao longo do dia. Por isso, esse momento deve ser especialmente preparado para que a criança sinta-se segura. Além do ambiente, do local de dormir e do acolhimento adequado, os educadores devem estar bem atentos à posição como colocar as crianças para dormir. (ROGÉRIO, 2011)

Segundo a autora, é preciso ainda

alterar os lados para que ele não durma sempre sobre o mesmo. Apoios como rolos e pequenas almofadas evitam que o bebê passe para a posição de bruços, deitado sobre a barriga, que tem sido contra-indicada pela maioria dos médicos e hospitais. Isso não quer dizer que durante a atividade de vigília ele não possa passar por essa posição.

Pereira (2009) apresenta algumas atividades para o que caracteriza como estimulação precoce. Apesar do viés terapêutico para crianças com necessidades educacionais especiais, as atividades são altamente compatíveis com o desenvolvimento da criança menor de 2 (dois) anos.

Atividades como seguir objetos com os olhos, segurar brinquedos, erguer a criança para que ela sustente sozinha sua cabeça, chamar a criança pelo nome e brincadeiras de esconder são fundamentais para sua aprendizagem motora e sensorial.

A criança aprende em sua integralidade e todos os momentos desde o despertar até o dormir e o momento do sono inclusive são importantes para o seu desenvolvimento.

A educação infantil deve garantir essa integralidade, garantindo oportunidades para que as crianças sejam capazes de expressar seus desejos, sentimentos e desgostos, familiarizar-se com a própria imagem, conhecer seus limites, executar ações relacionadas à saúde e higiene, brincar, socializar e interagir com outras crianças e professores, identificar seus limites e possibilidades, identificar e enfrentar situações de conflitos, respeitar as outras crianças e professores, valorizar ações de solidariedade e cooperação, respeitar regras básicas de convívio social. (KREFTA, 2011)

Para que todos esses objetivos se concretizem, é importante criar situações educativas para que, dentro dos limites impostos pela vivência da coletividade, cada criança possa ter respeitados os seus hábitos, ritmos e preferências de forma lúdica e prazerosa.

2.4 O CURRÍCULO E OS PROFISSIONAIS DA PEDAGOGIA

Após várias reformulações e extintas as habilitações, atualmente, o curso de Pedagogia forma profissionais, em tese, preparados para todas as áreas de conhecimento desta.

Apesar de, de tal forma, garantir que todos os estudantes tenham o conhecimento básico nas áreas nas quais podem vir a trabalhar, o profissional em si acaba tendo menos respaldo teórico para sua prática.

Campos (1994) afirma que

tanto é inaceitável que a educação em grupo de crianças pequenas esteja a cargo de adultos que não receberam nenhum tipo de formação para isso, quanto é inaceitável o tipo de formação que os professores recebem na maioria dos cursos de magistério e também nos cursos de pedagogia existentes.

Segundo a autora, é necessário que os cursos formem profissionais mais preparados para que a qualidade da Educação oferecida às crianças possa ser garantida.

Kuhlmann Jr. (200), ressalta ainda que

mais do que elaborar currículos com conteúdos a serem dominados pela criança, há necessidade de formar o profissional com domínio de conhecimentos que favoreçam e enriqueçam as experiências proporcionadas.

Para tanto, é necessário que mais tempo seja investido no conhecimento do desenvolvimento da criança e na preparação do profissional para as especificidades da mesma.

Segundo Kishimoto (1999), além disso, a Educação Infantil ainda conta com um problema ainda mais preocupante: os profissionais leigos.

Boa parte dos profissionais desta etapa da Educação Básica não conta sequer com um curso superior e, por isso, acaba guiando sua prática a partir de suas próprias vivências e do conhecimento adquirido no cotidiano da sala de aula.

2.5 A FUNCIONALIDADE DO PEDAGOGO

Como já foi observado, para o senso comum o pedagogo seria dispensável para as turmas de crianças pequenas.

Vitta e Emmel (2003), porém, ressaltam que

nas creches, os profissionais do berçário deverão assumir um duplo papel: o de alguém que “cuida” ou “toma conta” das crianças e o de educador, que contribui ativamente para seu desenvolvimento global. O conhecimento que os profissionais do berçário têm sobre o desenvolvimento infantil é um dos fatores que determinam a qualidade do atendimento feito à criança.

As autoras dizem ainda que nem sempre é tão necessário alterar as atividades oferecidas “e sim possibilitar aos profissionais ter consciência do porquê se faz em relação aos objetivos que integram o educar e o cuidar.”

O profissional formado na área seria mais indicado para que essa intencionalidade na Educação estivesse presente. E, por vezes ele está presente na sala acompanhado de outros profissionais não necessariamente da área.

Sobre isso, Campos (1994) afirma que existe uma separação entre as categorias.

Voltadas para objetivos considerados como de caráter exclusivamente “pedagógico”, as professoras - pois são quase todas mulheres - gozam de prestígio, salário, condições de trabalho e progressão na carreira muito melhores do que o tipo de profissional mencionado anteriormente. Este fato reflete-se na percepção generalizada de que não são de sua responsabilidade tarefas identificadas com o trabalho “manual” ou doméstico, isto é, entendidas como próprias de funcionários de menor qualificação.

É preciso compreender, porém que, todas as atividades realizadas com a criança podem ser pedagógicas dependendo da intencionalidade da pessoas que trabalha com elas.

A autora defende que é necessário

um novo tipo de formação, baseada numa concepção integrada de desenvolvimento e educação infantil, que não hierarquize atividades de cuidado e educação e não as segmente em espaços, horários e responsabilidades profissionais diferentes

Segundo Vitta e Emmel (2003), na maior parte dos discursos das profissionais do berçário, é possível observar que impera a idéia de que a creche existe para atender às crianças cujas mães têm que trabalhar. É preciso que o próprio pedagogo reconheça, primeiramente, seus objetivos e sua função no local.

Em alguns casos, mesmo quando os profissionais observam caráter educacional na frequência da criança a escola, “contradizem-se ao falar que se a família da criança tem condições de ficar com ela, não deveria colocá-la no berçário”.

As próprias instituições perpetuam tais ideias. Segundo Bógus *et al.* (2007) algumas “possuem projeto consolidado de educação e de cuidados; outras pensam a creche como um local de guarda das crianças, na ausência dos responsáveis para o cuidado cotidiano.”

2.6 FORMAÇÃO CONTINUADA

É impossível trabalhar com Educação e não aprimorar, constantemente sua prática. O profissional da Educação Infantil, como todos os professores, precisa estar sempre em busca de novos rumos que tanto a legislação quanto as teorias do desenvolvimento infantil possam apontar para melhorar sua prática.

Kishimoto (1999) observa ainda que

a diversidade brasileira requer propostas que atendam às especificidades do país. Se o contexto social requer uma formação mais ágil para essa faixa etária, uma política de formação profissional deve estimular o convívio de propostas diferentes.

O intercâmbio entre as várias situações no país deve ser visto como forma de aperfeiçoamento e, sempre, incentivado.

As instituições são, tanto quanto o professor, necessárias a esse incentivo, pois, nem sempre, o profissional terá o dinheiro ou tempo necessário para manter-se atualizado através de cursos. Cabe às próprias instituições oferecer meios para que eles possam realizá-los.

Segundo Campos (1994), nos Estados Unidos existem 4 (quatro) níveis para os profissionais da Educação Infantil:

Nível 1 - Auxiliares de Professor de Educação Infantil.

Nível 2 - Professores Associados de Educação Infantil.

Nível 3 - Professores de Educação Infantil.

Nível 4 - Especialistas em Educação Infantil.

São diferenciados devido aos seus cursos e experiência profissional, sendo que o profissional de nível 4 é responsável, inclusive, pelo treinamento de novos funcionários.

Para que o professor sinta-se valorizado e motivado, é preciso que haja incentivo e retorno sobre seus programas para a continuação de seu aprendizado.

CAPÍTULO 3

A CRIANÇA MENOR DE DOIS ANOS NA ESCOLA: VIVÊNCIA E APRENDIZADO

Este capítulo aborda o trabalho prático na turma do Berçário por meio de minha própria experiência durante o estágio e de entrevistas e questionários com educadores e responsáveis pelas crianças.

3.1 EXPERIÊNCIA NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL Nº 1

Quando me decidi quanto ao tema sobre o qual desejava trabalhar em meu trabalho de conclusão de curso, decidi também fazer meu estágio na turma correspondente.

Primeiramente, procurei escolas particulares, pois a burocracia envolvida é bem menor. Porém, como já era esperado por mim, encontrei dificuldades devido exatamente a turma escolhida. A maioria das escolas não permite a entrada de pessoas estranhas ao Berçário.

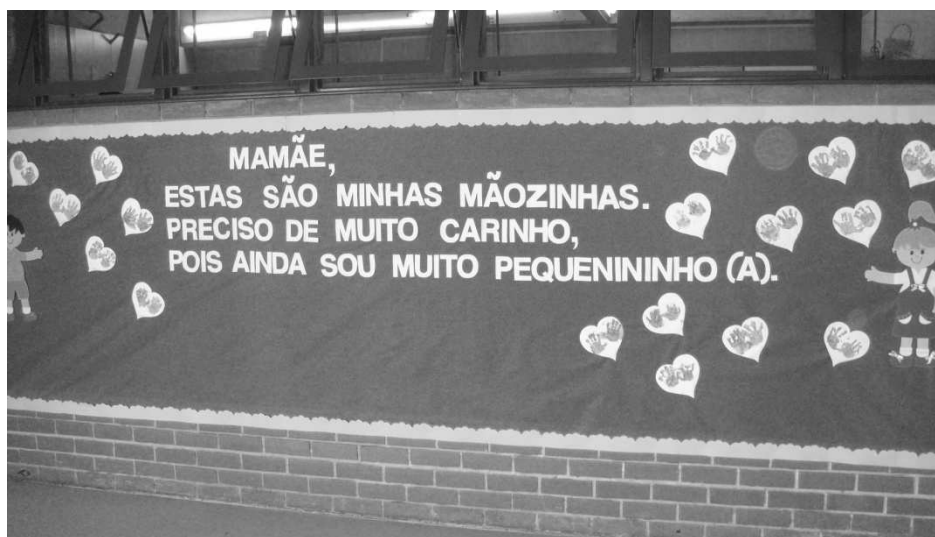
Sendo assim, procurei as escolas públicas e fiquei muito surpresa ao constatar que apenas uma dentre as 32 (trinta e duas) escolas do Plano Piloto e Cruzeiro, aptas a receber a Educação Infantil, oferece matrícula para essa faixa etária.

3.1.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

Com a devida autorização dos funcionários da escola, tirei algumas fotos para ajudar na visualização do local. Quando as crianças apareceram nas fotos, seus rostos foram borrados a pedido dos profissionais.

A escola tem cores sóbrias em sua pintura e é toda térrea, como é recomendável para uma instituição de Educação Infantil (RIZZO, 2010). Há bastantes murais tanto na recepção quanto no corredor que conduz às salas. O

mural da foto abaixo é o da sala do Berçário e, na ocasião, homenageava o dia das mães.



À direita do mural, encontra-se a porta de entrada para o Berçário. A disposição da estrutura do local, apesar do espaço limitado, foi muito bem pensada. Há um corredor estreito por onde se alcança a sala propriamente dita. À esquerda, há os escaninhos para as mochilas das crianças e a porta de entrada para a instalação sanitária. Assim, os pais podem adentrar esses locais sem a contaminação da sala.



Não é permitido o uso de sapatos no interior da sala e, por isso, a possibilidade de acesso a esses locais sem a necessidade de adentrá-la facilita a movimentação de todos.

A instalação sanitária possui 3 (três) chuveiros, cubas e trocadores. Há também 1 (um) suporte para as toalhas e 1 (um) vaso sanitário infantil apesar de não haver intenção de desfralde das crianças.

Os materiais de higiene ficam próximos às cubas e são individuais e ficam separados em caixas identificadas com os nomes das crianças. As toalhas também possuem identificação.





No interior da sala, há colchões finos para evitar que as crianças fiquem em contato direto com o chão, mas não cobrem toda a sala para permitir maior exploração. A sala é, assim como o restante da escola, pintada com cores neutras, mas bastante enfeitada com decorações móveis.

Há também a barra de locomoção para estimular o levantar e o caminhar das crianças. Além disso, há mesas que comportam os copos e mamadeiras das crianças, os pratos de comida quando da hora da merenda e o aparelho de som.

Há um armário que abriga os pertences pessoais dos monitores e objetos variados de uso escolar (cola, tesoura, papéis...). Os brinquedos ficam em caixas no chão e as crianças os espalham durante o dia.





Há uma sala específica para o descanso das crianças. Apesar disso, como é possível observar nas fotos anteriores, a maior parte dos berços fica espalhada ao redor da sala principal.

O “Cantinho do sono” como é chamada a sala de descanso, possui alguns berços e carrinhos. Há um armário onde a professora guarda seus pertences. Os objetos que são necessários ao funcionamento do Berçário, mas atrapalham a movimentação na sala principal, ficam guardados ali (cadeirões, andadores...).

É importante observar que um dos elementos recomendáveis para a estimulação nessa faixa etária é o espelho (RIZZO, 2010). O único presente nesta sala é fixo à parede e está dentro da sala de descanso.

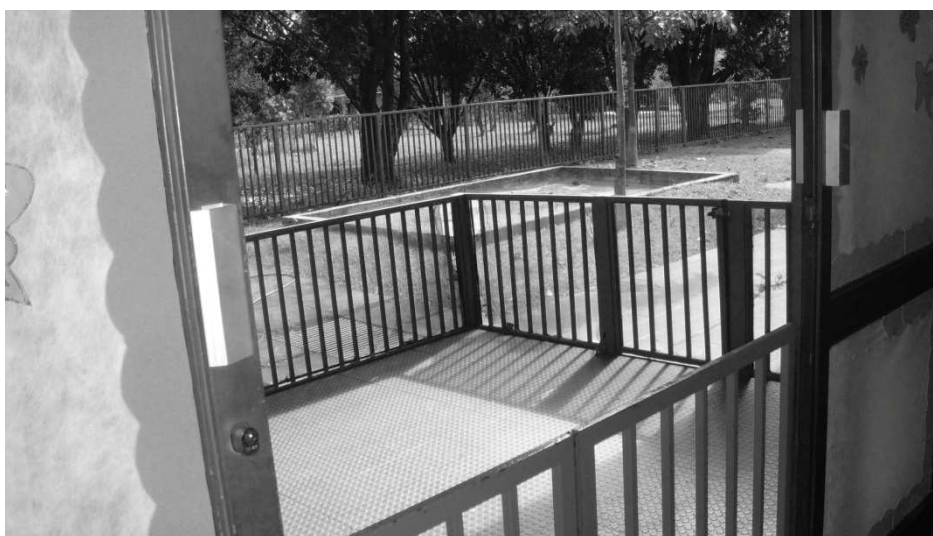




Há, também com acesso a partir da sala principal, um pequeno solário para o banho de sol que é extremamente necessário para o desenvolvimento saudável dos bebês (RIZZO, 2010).

A manutenção do local deixa a desejar, mas é seguro para a permanência das crianças. O toldo, que existe para minimizar o sol em dias muito quentes, está rasgado e muito sujo. Há uma rede de proteção em volta das grades para evitar que as crianças peguem objetos que estejam fora do local, mas ela está cheia de furos.

É possível enxergá-lo a partir da sala principal, mas o acesso das crianças é limitado pelo portão que as separa e elas não permanecem no local desacompanhadas.



A sala principal é limpa antes da entrada das crianças e, superficialmente, no decorrer do dia. Os colchões e cadeirões não são

higienizados diariamente. O solário não é limpo no horário da manhã, em que seria mais necessário.

Ao contrário do que recomenda o parecer nº 17 (BRASIL, 2010), não há berços suficientes para que sejam individuais e as roupas de cama são da escola. Há poucas cobertas e, em geral, não são utilizadas.

3.1.2 DIÁRIO DE BORDO

Para identificar a rotina e as tarefas desenvolvidas pela equipe pedagógica junto às crianças, foi montado um diário de bordo explicitando os acontecimentos dos dias juntamente às minhas análises pessoais sobre eles.

Foram 100 (cem) horas de estágio distribuídos em 20 (vinte) dias de observação e interação com as crianças por 5 (cinco) horas diárias no turno matutino, entre 8 (oito) e 13 (treze) horas.

1º dia (14/04):

A diretora me levou até a sala e me apresentou a professora Geanne. Ela é a responsável pela turma e é auxiliada por 3 (três) ou 4 (quatro) monitores.

Havia 15 (quinze) crianças na sala neste dia. A professora disse que, dificilmente, vem tão poucas; em geral, há entre 17 (dezesete) e 19 (dezenove).

As crianças lancham entre oito e meia e nove horas. Todos os adultos cuidam da alimentação simultaneamente enquanto as demais crianças ficam brincando.

Algumas crianças dormem após o lanche; os monitores dão banho e trocam fraldas enquanto a professora interage com as demais crianças. Em geral, não há tempo para que os monitores fiquem na sala interagindo com as crianças.

O almoço acontece entre onze e vinte e meio-dia e segue o mesmo procedimento do lanche. Quando as crianças estão dormindo, seus pratos são separados e servidos ao acordarem.

2º dia (15/04):

Havia 17 (dezessete) crianças na sala e uma das monitoras estava de folga. A professora trabalha em sala apenas no período matutino, mas os monitores permanecem durante todo o dia e folgam uma vez por mês.

Notei que há pouquíssima interação com as crianças na hora das refeições. Uma das monitoras, inclusive, quase não faz contato visual com a criança da qual está cuidando no momento.

Enquanto as crianças estão brincando no chão, só quem interage com elas é a professora. Os monitores cuidam apenas dos que estão com sono ou precisam ser trocados.

Na hora de dormir, as crianças não encontram muito carinho e conforto dos cuidadores. Em geral, choram nos berços sem que eles dêem muita atenção. Quando acordam, só são retirados dos berços depois que choram mesmo quando alguém percebe que a criança já está acordada.

3º dia (18/04):

Devido ao feriado prolongado no fim da semana e à paralisação dos monitores (indicativo de greve) que aconteceria nos dias 19 (dezenove) e 20 (vinte) deste mês, houve um dia muito atípico na escola. Havia apenas 12 (doze) crianças na sala.

Um dos monitores foi deslocado para cobrir a falta de outro colega e outra passou parte do dia auxiliando a coordenação.

Foi um dia bastante tranquilo e, por isso mesmo, ressaltou a falta de vínculo de uma das monitoras com as crianças. Quando não está alimentando ou higienizando as crianças, ela não presta atenção alguma a elas. Quando está realizando as atividades, o faz mecanicamente, sem interação.

As crianças permanecerão todo o ano na mesma sala, a despeito de suas diferenças evidentes. Há crianças que estão prestes a andar enquanto outras sequer conseguem sentar-se sozinhas.

4º dia (26/04):

As crianças estavam extremamente nervosas após o longo período que passaram em casa. Dois dos monitores estavam ausentes.

Havia 17 (dezessete) crianças e as duas monitoras que lá estavam passaram toda a manhã trocando fraldas ou dando banhos.

Uma das crianças estava mais nervosa do que seu normal e a professora disse que, provavelmente, era porque ela havia faltado ainda mais dias.

O mais novo da turma queria ficar no colo todo o tempo e a professora conciliava isso com seus outros afazeres.

Tanto a professora quanto os monitores dizem às crianças que elas estão muito “chatas” ou “feias” quando choram.

5º dia (27/04):

Os quatro monitores estavam em sala e havia 17 (dezessete) crianças. As crianças ficam bem mais tranquilas quando há grande quantidade de monitores, provavelmente porque suas necessidades podem ser atendidas mais rapidamente.

A grande maioria das crianças não dormiu após o lanche e, por isso, brincaram no espaço ensolarado que há adjacente a sala.

Durante o almoço, um dos monitores foi chamado para auxiliar outra turma, mas não houve prejuízo para o Berçário já que, logo após comer, as crianças dormiram devido ao cansaço.

Apenas 3 (três) crianças permaneceram acordadas e a professora interagia com elas enquanto os monitores conversavam entre si.

6º dia (07/05):

Os monitores estavam bastante agitados, pois o sindicato decretou a greve para a semana seguinte. Todos (inclusive a direção do colégio) ficavam discutindo sobre a paralisação em sala.

Um dos monitores estava em outra sala cobrindo uma folga. Havia 16 (dezesesseis) crianças em sala, bastante nervosas, como é comum às segundas-feiras.

Algumas crianças, normalmente, dormem nos carrinhos. A professora e os monitores estão tentando fazer com que durmam nos berços para seu maior conforto, mas é bastante difícil para alguns.

Existe uma sala específica para a hora do sono, mas é pouco usada. Algumas crianças dormem mais rapidamente e por mais tempo quando estão nessa sala.

7º dia (03/05):

O clima estava bastante tenso e agitado na escola, pois, desde antes da chegada das crianças, havia uma equipe de reportagem entrevistando pais e funcionários sobre a greve.

Havia 15 (quinze) crianças e um dos monitores não apareceu. As crianças estavam bastante tranquilas e apenas uma, que ainda está em fase de adaptação, chorou na hora da chegada.

Novamente havia muita conversa entre as monitoras e pouca interação com as crianças. Mesmo a professora estava mais centrada em outros assuntos, pois estava providenciando as lembrancinhas para o dia das mães.

As crianças que não dormem no horário entre o lanche e o almoço, costumam ficar um pouco nervosas conforme o tempo passa. Os monitores procuram fazer com que não durmam para que, depois do almoço, durmam ao mesmo tempo e a sala fique tranquila.

A comida é sempre em forma de papa, mesmo havendo crianças entre 5 (cinco) e 12 (doze) meses em sala, que tem necessidades distintas.

8º dia (05/05):

Possivelmente em virtude da iminência da greve dos monitores, poucas crianças compareceram. Havia apenas 11 (onze) crianças e todos os monitores estavam presentes.

Apesar de ainda demonstrarem pouco afeto com as crianças, os monitores dispensaram mais tempo às atividades com elas tanto na hora do banho quanto da alimentação.

A professora aproveitou o dia tranquilo e pediu licença aos monitores para preparar as lembranças das mães que seriam entregues no dia seguinte.

Quase todas as crianças já se acostumaram comigo e ficam tranquilamente em minha companhia. As que faltam muito, porém, ainda me estranham, especialmente na hora de dormir.

9º dia (06/05):

A festa em comemoração ao dia das mães era hoje, no período da tarde. A professora passou, novamente, parte do dia ajeitando coisas para a festa.

Havia 15 (quinze) crianças, mas, uma delas, iria embora ao meio-dia para uma consulta médica. Outra teve febre e, às onze horas, a mãe foi avisada, mas só foi buscá-la no horário da festa.

As crianças passaram o dia mais tranquilas, pois os monitores estavam bem mais próximos a elas, acalentando e ninando-as.

A convite da professora, voltei a tarde para ajudar na festa. Arrumamos a sala e as crianças. As mães chegaram às dezesseis horas, ficaram algum tempo, lancharam e foram embora com seus filhos. Apenas duas mães não compareceram e já haviam avisado que não conseguiriam chegar aquele horário.

A maior parte das mães disse que não trará as crianças no período da greve.

10º dia (09/05):

Hoje, começou a greve dos auxiliares e a professora estava de folga. Os funcionários da direção ficaram responsáveis pela recepção das crianças. A escola funcionou apenas no turno matutino.

Como as crianças não estavam acostumadas aos outros funcionários, preferiam minha companhia para a hora do sono ou enquanto estavam brincando. Apenas 6 (seis) crianças compareceram.

Uma das meninas foi buscada pela mãe, pois estava com febre. Todas as crianças estão um pouco doentes. A diretora disse que conversará com os pais sobre este fato e pedirá que, enquanto estiverem doentes, não frequentem a creche.

Os pais, porém, acham que a creche tem por função cuidar das crianças nos momentos em que eles não estão disponíveis, o que incluiria os períodos em que estão doentes.

Pela primeira vez, participei da alimentação e da higiene das crianças. Foi bastante tranquilo e, especialmente durante a alimentação, pude proceder da forma que julgo mais correta, alimentando-os pausadamente e conversando durante as atividades.

11º dia (10/05):

A professora estava de volta e ficamos sozinhas com as 6 (seis) crianças que compareceram. A todo o momento alguém da direção aparecia para oferecer ajuda, mas o dia foi bastante tranquilo.

Uma das crianças que estava presente ainda não está muito acostumada comigo. Esse contato mais próximo, devido ao número reduzido de crianças, está sendo excelente para a vinculação. Tal vinculação é extremamente necessária ao desenvolvimento da criança.

A professora e eu dividimos as tarefas de higiene naturalmente, considerando as necessidades das crianças.

Durante o almoço, uma das funcionárias da direção nos auxiliou e, mais tarde, levou uma das crianças para passear pela escola. A professora deixa claro que não gosta que as crianças sejam tiradas da sala, pois, segundo ela, passam a ficar ansiosas todas as vezes que alguém vem até a porta.

12º dia (11/05):

Novamente ficamos, a professora e eu, com as mesmas crianças do dia anterior. As pessoas da direção apareceram menos e, em nenhum momento, alguém entrou ou tirou alguma criança da sala.

A professora do Berçário II perguntou à Geanne se ela achava que havia a possibilidade de reorganizar as crianças, pois, em sua sala, havia um menino que ainda não andava. Elas combinaram de fazer um teste (uma das crianças do Berçário I que já anda iria para a outra sala) e, havendo aceitação das crianças, levariam o caso à direção.

As crianças dormiram a maior parte da manhã. Apenas a que está em adaptação comigo permaneceu acordada. Aproveitei esse tempo para me aproximar e ela já me aceita bem melhor. Quando a auxiliar do lactário veio recolher os pratos e tentou pegá-la no colo, ela se recusou e ficou de mãos dadas comigo.

13º dia (12/05):

Hoje aconteceu a primeira assembleia após o início da greve. Alguns monitores apareceram na escola e conversaram com os professores. O sindicato decidiu pela continuação da greve.

Uma das crianças que vinha frequentando a escola faltou e havia apenas 5 (cinco). Uma delas tem muita dificuldade para dormir e o sono muito leve. Passou a maior parte da manhã enjoada, mas, quando finalmente dormiu, conseguiu manter-se por mais tempo.

As crianças ficam nitidamente mais calmas quando há poucas delas em sala. A proporção de 1 (um) adulto para cada 3 (três) ou 4 (crianças) é excelente, mas a quantidade máxima em uma sala deve ser de, aproximadamente, 12 (doze). A proporção de 1 (um) para 8 (oito), da portaria oficial, é irreal para crianças que ainda são tão dependentes dos adultos.

14º dia (16/05):

Apesar da continuação da greve, vários pais voltaram a mandar os filhos para a escola e, por isso, havia 9 (nove) crianças em sala hoje.

Esse aumento evidenciou a necessidade de uma taxa maior de adultos em relação às crianças. O dia foi muito mais corrido e a atenção dispensada a cada criança, menor.

As crianças também parecem sentir esse aumento e ficam mais agitadas e nervosas, em especial aqueles que não estavam frequentes, devido às re-inserção.

Duas pessoas da direção se revezavam para nos auxiliar durante a alimentação e banho das crianças.

15º dia (17/05):

Novamente havia 9 (nove) crianças em sala e o dia foi bastante agitado, pois tivemos menos ajuda da direção.

Uma das crianças já não ia à escola há, aproximadamente, 2 (dois) meses e, mesmo a professora não tinha tido muito contato com ela. Passou a maior parte do dia chorando, mas se acalmava facilmente no colo.

Pensando nessa questão de conforto (físico e sentimental), fica ainda mais necessária a adequação da proporção entre adultos e crianças para que momentos de aconchego sejam possíveis e frequentes.

A rotatividade de brinquedos (que não acontece na escola) também parece bastante necessária, pois, com o tempo, os que ali estão já não atraem

tanto a atenção das crianças. Além disso, a rotatividade permitiria a higienização frequente.

16º dia (18/05):

O número de crianças diminuiu e, com 7 (sete) delas em sala, tivemos novamente um dia tranquilo.

O aluno que não frequentava a escola há muito tempo passou o dia bem melhor do que ontem e, em alguns momentos, interagiu com as outras crianças sem que eu ou a professora estivéssemos por perto. A socialização com as outras crianças é fundamental para sua adaptação no Berçário.

Há muitos problemas de limpeza na sala. A área externa precisa ser limpa antes da entrada das crianças para que seja usada no horário ideal, mas isso nunca é feito. As bandejas dos cadeirões não são limpas diariamente e os colchões onde as crianças dormem não tem a roupa de cama trocada.

Não há uma rotina que estabeleça a estimulação dos bebês e a professora, que não tem formação específica e não escolheu a turma, parece fazer a maior parte do trabalho intuitivamente. Não percebi nenhum tipo de orientação da direção que visasse essa estimulação. Os cuidados, em geral, são direcionados à higiene.

17º dia (19/05):

Hoje havia, novamente, 7 (sete) crianças e o dia permaneceu tranquilo. Conseguimos alimentar e trocar as fraldas sem a necessidade do auxílio da direção.

Uma das crianças, sentada sozinha, caiu duas vezes e bateu a cabeça no chão. Ficou uma marca e a mãe foi avisada. Como ele não apresentou nenhum problema durante o dia e teria consulta médica no dia seguinte, não houve preocupação.

18º dia (23/05):

O dia estava muito frio e, possivelmente por isso, as crianças dormiram muito mais que o comum. A professora se preocupou em colocar roupas mais quentes e arranjou cobertas para elas.

Havia um novo brinquedo na sala: um “cavalinho” de balanço. As crianças maiores gostaram bastante, mas apenas uma conseguia se balançar sozinha.

Foi um dia bastante tranquilo, mas, como as crianças dormiram por mais tempo, nem todas tomaram banho antes de os pais buscarem-nas.

Havia 8 (oito) crianças e, eventualmente, alguém da direção aparecia para oferecer ajuda, mas não houve necessidade.

19º dia (24/05):

Hoje, apesar de haver uma criança a menos do que ontem, foi um dia bastante agitado. As crianças estavam muito nervosas e não se acalmaram sequer durante o banho de sol, do qual costumam gostar bastante.

Duas pessoas da direção passaram boa parte do dia na sala, auxiliando na alimentação e troca de fraldas.

Em alguns momentos, quando não podiam ficar na sala, levavam as crianças no carrinho para tentar fazê-las dormir. A professora não gosta que as crianças sejam tiradas da sala, mas nesse dia, ela mesma estava levando-os para passear na tentativa de acalmá-los.

20º dia (25/05):

A greve dos auxiliares acabou e eles voltaram ao trabalho. Não estavam satisfeitos com a pouca quantidade de conquistas e todos dizem que pretendem deixar de trabalhar no Berçário.

A rotina voltou ao normal e, com apenas 9 (nove) crianças, o dia foi bastante tranquilo.

Uma das monitoras estava de atestado, mas apareceu e ficou um pouco na sala. Ela reclamou bastante, pois, uma das crianças da qual não gosta voltou a freqüentar a escola.

3.2 ENTREVISTAS COM A EQUIPE PEDAGÓGICA

Para verificar o entendimento da equipe pedagógica sobre o Berçário e outros fatores importantes para a avaliação, foram realizadas entrevistas

individuais com a professora e os monitores. Uma das monitoras, porém, não participou da realização destas, pois estava de atestado durante o período.

3.2.1 METODOLOGIA

A entrevista semi-estruturada foi escolhida como mais adequada, pois permitiria o livre discurso dos entrevistados. Havia um guia, mas não houve rigidez para a condução dos assuntos.

As entrevistas foram individuais e realizadas em sala anexa à principal, enquanto as crianças e os outros profissionais permaneciam nesta. Houve gravação do áudio e algumas anotações durante a realização. Em algumas ocasiões as entrevistas foram interrompidas devido a alguma necessidade das crianças.

As perguntas diziam respeito à formação profissional, trabalho e conhecimento do Berçário. Foi utilizado o mesmo guia para todas as entrevistas.

3.2.2 EXPOSIÇÃO DOS DADOS

A primeira entrevistada foi a professora Geanne. Ela tem 24 (vinte e quatro) anos de idade e formou-se em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP) em agosto de 2009. Pretende fazer um curso de pós-graduação na área de Educação Infantil, mas ainda não iniciou.

Ela trabalha com a turma do Berçário há 4 (quatro) meses, desde o início desse ano. Antes, havia trabalhado com uma turma de Jardim I em uma escola particular por 1 (um) ano.

Como é professora temporária, não tem garantias sobre a duração de sua estada nessa escola, mas diz que pretende continuar trabalhando com crianças, especialmente nessa escola, na qual já conhece as pessoas.

Quando perguntada sobre sua satisfação profissional, com relação ao salário e relacionamento com colegas e direção, citou que a profissão do professor é muito desvalorizada, mas que, pessoalmente, achava o salário bom. Disse que não tinha críticas aos monitores, pois esses se esforçam para

atender às crianças da melhor maneira possível, cooperando entre si. Quanto à direção, disse estar muito satisfeita, pois, ainda no dia anterior, teria acontecido uma reunião pedagógica com todos os funcionários onde puderam trabalhar em conjunto. Citou ainda que todos são muito receptivos às opiniões e sugestões oferecidas pelos professores.

Com relação à estrutura do Berçário, ela apontou que é um bom ambiente, sendo amplo e possuindo solário que estimula o desenvolvimento da criança. Porém, disse que os brinquedos são pobres em estímulos e mal conservados. Ela diz que deveria haver brinquedos com formas, texturas, cores e sons variados, que atraíssem mais a atenção das crianças.

Como ponto positivo, ela indicou as próprias crianças. Disse que, uma vez que são o propósito de sua estada no local, são também o que tornam o lugar mais atrativo e prazeroso. Já como ponto negativo, foi apontada a limpeza do local. Ela comentou que os cadeirões de alimentação e as banheiras deveriam ser higienizados com mais frequência.

Sobre a funcionalidade do Berçário, ela ressaltou que é um momento de desenvolvimento e que, para o professor, é importante conhecer essa etapa para entender melhor o “formar” da criança.

O segundo entrevistado foi o monitor Ricardo. Ele tem 25 (vinte e cinco) anos de idade e está cursando Matemática na Universidade de Brasília (UnB) com previsão de conclusão para o segundo semestre de 2012. Não pretende fazer cursos de pós-graduação após concluir a faculdade.

Ele trabalha na escola desde fevereiro de 2010, mas trabalhou nas turmas do Berçário II e do Maternal I por 4 (quatro) meses antes de ficar definitivamente no Berçário I. Antes desse trabalho, ele relata que nunca teve experiência com crianças e que a primeira vez que trocou fraldas foi na própria escola.

Ele disse que, com relação ao tipo de trabalho desenvolvido, considera o salário ótimo. Disse que trabalha feliz, mas não está satisfeito. Como nunca se imaginou trabalhando com crianças não pretende continuar nesse emprego e sim fazer concurso público para cargos administrativos. Também não pretende seguir a área do próprio curso.

Comentou que, para a quantidade de crianças atendidas, o espaço da sala é pequeno e que o ideal, naquele espaço, seriam 12 (doze) crianças.

Apesar disso, classificou a estrutura como muito boa, pois havia solário e banheiro separado da sala.

Ele pontuou que a quantidade de monitores, no momento, é muito boa, pois permite que as necessidades das crianças sejam atendidas prontamente. Porém, ressaltou que, dificilmente os 4 (quatro) encontram-se em sala, seja por razões médicas ou de falta de pessoal em outras turmas e que tal fato prejudica o trabalho, especialmente quando todas as crianças estão presentes.

Como ponto positivo da turma, ele assinalou os próprios funcionários. O maior problema que ele aponta é a Secretária de Educação (SEE) que não oferece os subsídios necessários. Segundo ele, a falta de pessoal que prejudica o trabalho, não tanto no Berçário, mas em outras turmas, ocorre, principalmente, devido à falta de suporte da instituição.

Ele apontou o Berçário como alternativa para as mães que precisam trabalhar. Segundo ele, nessa idade as crianças deveriam estar em casa e não frequentando a creche. Ele aponta que, em sua opinião, a partir do Maternal seria adequada a frequência das crianças já que haveria desenvolvimento.

A terceira entrevistada foi a monitora Érica. Ela tem 27 (vinte e sete) anos e formou-se em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) em dezembro de 2007. Está fazendo um curso de especialização em Clínica Comportamental, mas não tem previsão de término.

Ela trabalha na escola desde fevereiro de 2010, mas, por 4 (quatro) meses trabalhou no Maternal I. Depois desse tempo, começou a trabalhar no Berçário I. Ela conta que não tinha experiência formal ou informal com crianças antes desse trabalho e não pretende manter-se ali. Assim como o outro monitor, ela pretende fazer concursos público para cargos administrativos não necessariamente relacionados à sua área de formação.

Ela diz que está satisfeita com o salário e com o relacionamento com os outros funcionários e direção.

Quando questionada sobre a estrutura do Berçário, disse que há poucos materiais pedagógicos e brinquedos. Ela pontuou que o espaço é bom, porém, incompatível com a quantidade de crianças atendidas que deveria ser menor.

Como ponto positivo, ela destacou os funcionários que fazem a diferença em sua atuação e, como ponto negativo, a quantidade de crianças que prejudica o desenvolvimento do trabalho.

Ela acredita que as crianças não deveriam freqüentar a escola antes do primeiro ano de idade e aponta o Berçário como última solução para pais que não tem com quem deixar os filhos.

A quarta e última entrevistada foi a monitora Luciana. Ela tem 27 (vinte e sete) anos de idade e formou-se em Pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB) no segundo semestre de 2008. Não possui nenhuma pós-graduação, mas pretende fazer na área de Psicopedagogia, de Recursos Humanos ou de Educação Infantil.

Ela trabalha no Berçário desde fevereiro de 2010 desde que entrou nessa escola. Antes disso já tinha trabalhado como professora para o 2º ano do Ensino Fundamental e com Maternal por 6 (seis) meses, mas disse que não tinha experiência com crianças tão pequenas.

Assim como o monitor Ricardo, ela pontuou que, em relação às atribuições do serviço, o salário é bom, mas que não pretende continuar nesse trabalho, pois é estressante. Pretende fazer concursos na área de sua formação, mas dará preferência aos cargos administrativos. Como foi aprovada no concurso para professor efetivo, disse que, caso seja chamada, irá trabalhar, pois gosta de dar aula, apesar de preferir trabalhar com crianças maiores.

Ela foi quem fez mais críticas a estrutura da sala dizendo que o piso é inadequado, pois as crianças escorregam e o espaço é muito limitado. Ela também disse que os brinquedos, berços, carrinhos e cadeirões são muito velhos e deveriam ser trocados. Porém, ressaltou que, no momento, a proporção de crianças e monitores é adequada, apesar de, por vezes, ficarem sobrecarregados. Ela comentou que se o número de crianças fosse reduzido, mesmo reduzindo a quantidade de monitores, o trabalho seria mais fácil.

Como ponto positivo, ela disse que os funcionários formam um grupo ótimo que fazem toda a diferença. Citou também que as crianças tornam o trabalho mais prazeroso. Como ponto negativo, ela também destacou a necessidade de, às vezes, um dos monitores ser retirado da turma para ajudar em outra sala dizendo que, em geral, isso sobrecarrega os demais.

Com relação à funcionalidade do Berçário, ela destacou que é um período de desenvolvimento acelerado para as crianças e a escola deve oferecer condições adequadas para promovê-lo, mas também disse que, caso

houvesse possibilidade, não deixaria seu filho na escola antes do primeiro ano de idade.

3.2.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Todos os profissionais do Berçário são jovens em início de carreira. Apenas a professora, que é formada em Pedagogia, pretende continuar trabalhando na área educacional, mas todos dizem gostar do trabalho com as crianças.

Apenas uma das monitoras trabalha há 1 (um) ano completo com a turma do Berçário e ela e a professora já possuíam experiências anteriores com o trabalho com crianças.

Todos caracterizaram o espaço e os materiais como inadequados em algum ponto, mas as críticas mais contundentes foram as feitas pela professora com relação à limpeza do ambiente.

A professora foi a única a não deixar tão clara sua opinião quanto à funcionalidade do Berçário para a criança, apontando-o como um momento de conhecimento para o professor. Os monitores, apesar de entenderem como possuindo pontos positivos, acreditam que as crianças pequenas deveriam ficar com suas famílias.

3.3 QUESTIONÁRIO PARA OS RESPONSÁVEIS

Como não houve possibilidade de realizar entrevistas individuais com os responsáveis das crianças, o método utilizado para a coleta dos dados foi o questionário.

3.3.1 METODOLOGIA

As perguntas dos questionários diziam respeito à idade, escolaridade e horário de trabalho dos pais e à funcionalidade e avaliação da sala e da equipe pedagógica da creche.

Eles foram enviados com bilhete anexo explicando a finalidade e fornecendo instruções para o preenchimento. Das 22 (vinte e duas) crianças matriculadas, apenas 19 (dezenove) compareceram à época de distribuição dos questionários e, dessas, 16 (dezesesseis) o devolveram preenchido.

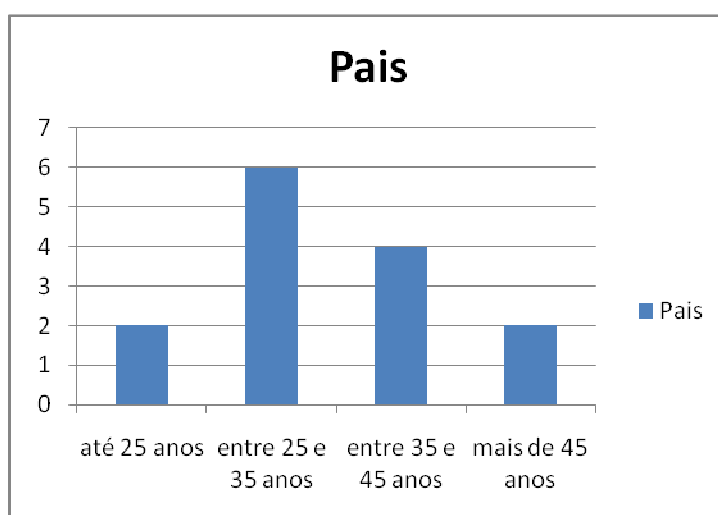
Como os questionários foram enviados e devolvidos por meio das agendas das crianças, é necessário salientar que os pais podem ter se sentido constrangidos ao responder perguntas sobre a estrutura e a equipe pedagógica.

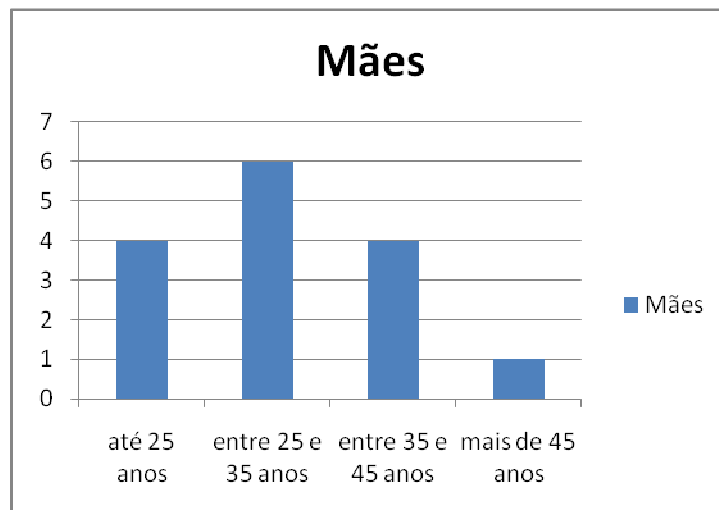
3.3.2 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados obtidos permitiram verificar alguns padrões entre os responsáveis tanto em relação às suas necessidades quanto às suas opiniões sobre a creche.

Três questionários apresentavam respostas de apenas um dos pais da criança sendo 2 (dois) apenas da mãe e 1 (um) apenas do pai. Em todos esses casos o responsável não citado não participa de nenhuma forma da vida da criança.

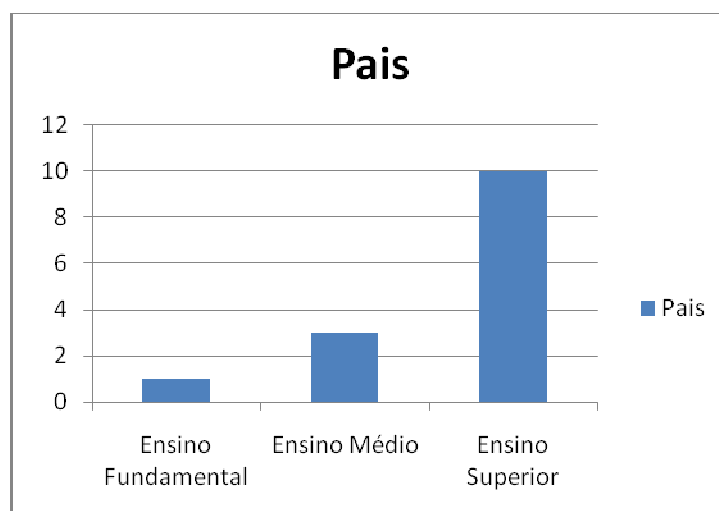
* Idade:

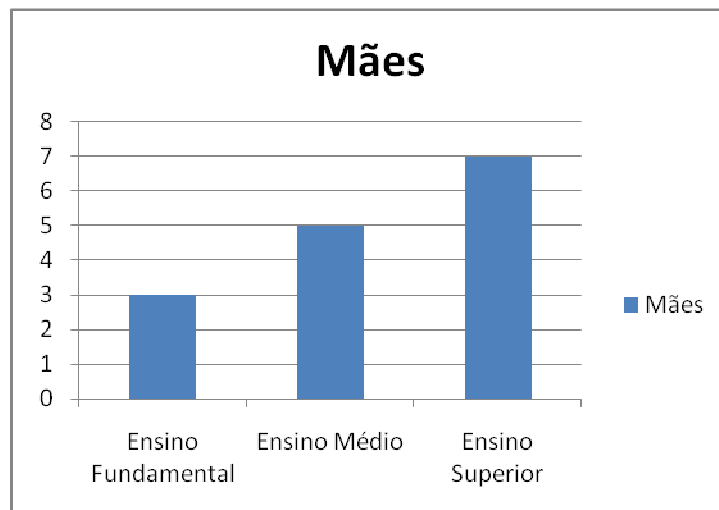




Análise: A maior parte dos responsáveis tem entre 25 (vinte e cinco) e 35 (trinta e cinco) anos e, portanto, não foram pais muito jovens visto que a mais velha das crianças em questão tinha 14 (catorze) meses à época da aplicação do questionário.

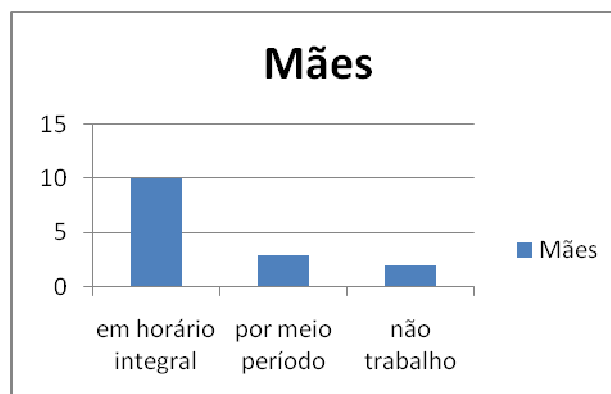
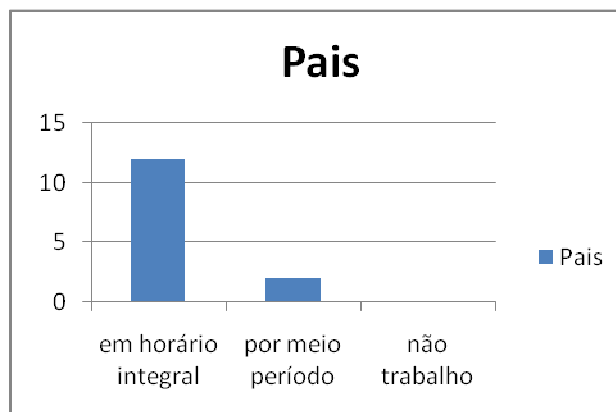
* Formação:





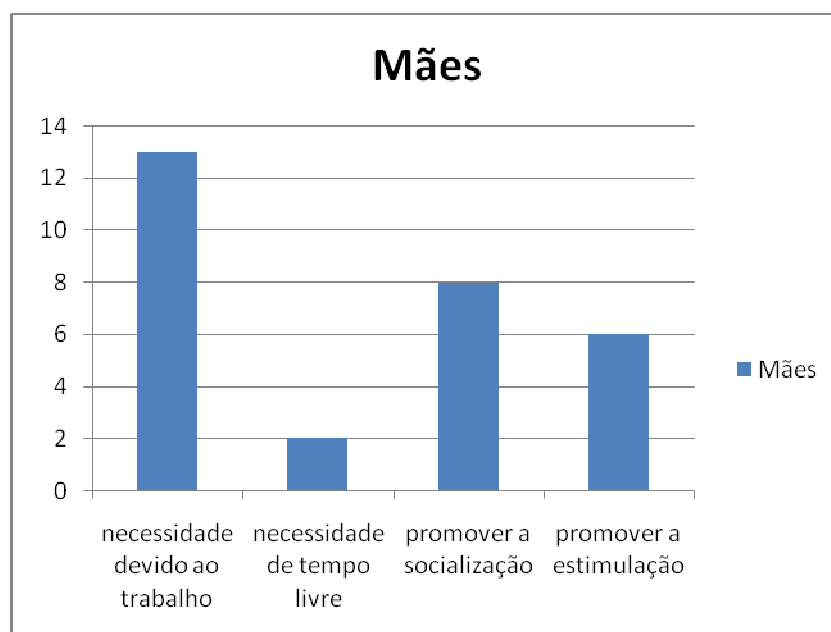
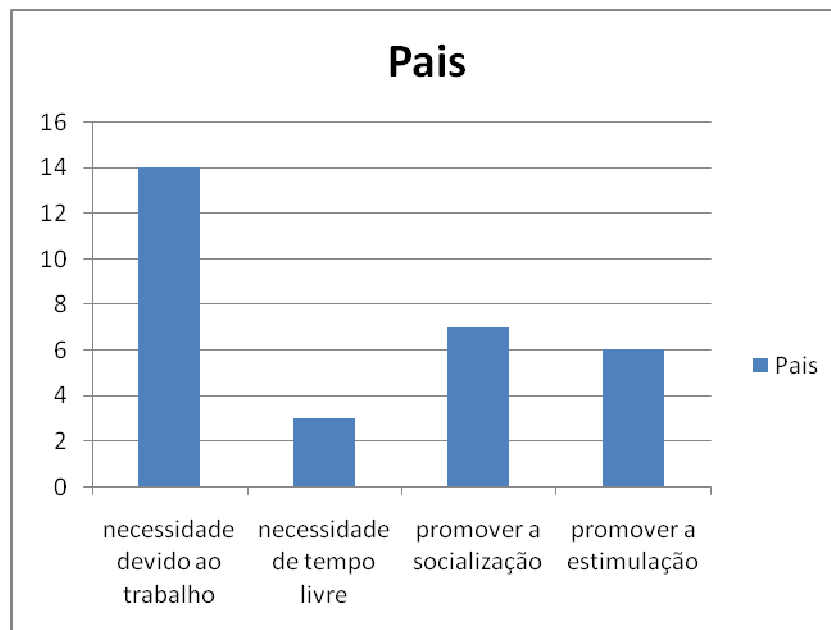
Análise: A maior parte dos responsáveis tem Ensino Superior sendo que os homens tem maior nível de escolaridade.

* Trabalho:



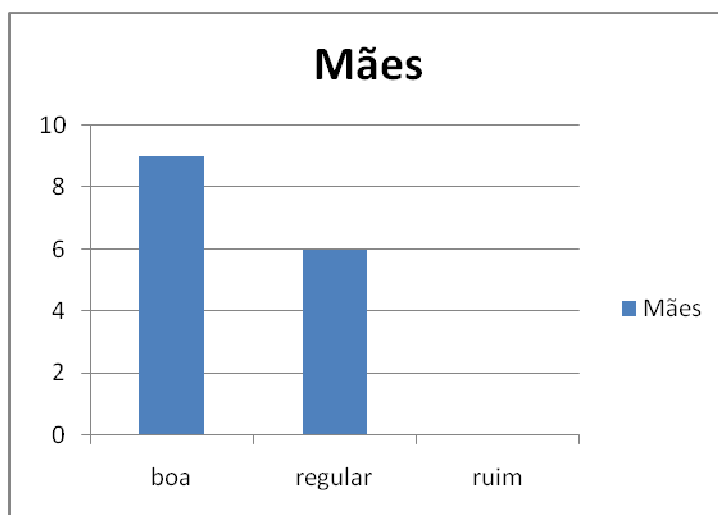
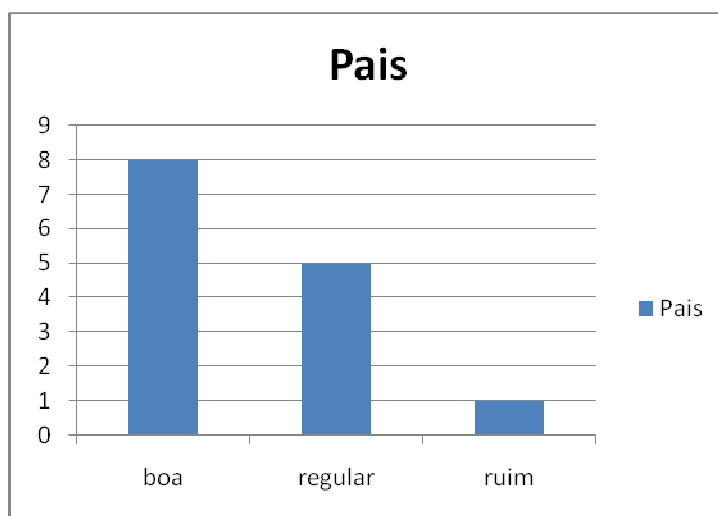
Análise: Todos os pais e a maior parte das mães trabalham sendo a maioria em horário integral. Isso pode indicar que o serviço de creche é mais procurado por esse grupo. Vale salientar que uma das mães que não trabalha não possui auxílio do pai da criança.

* Por que colocar a criança na escola:



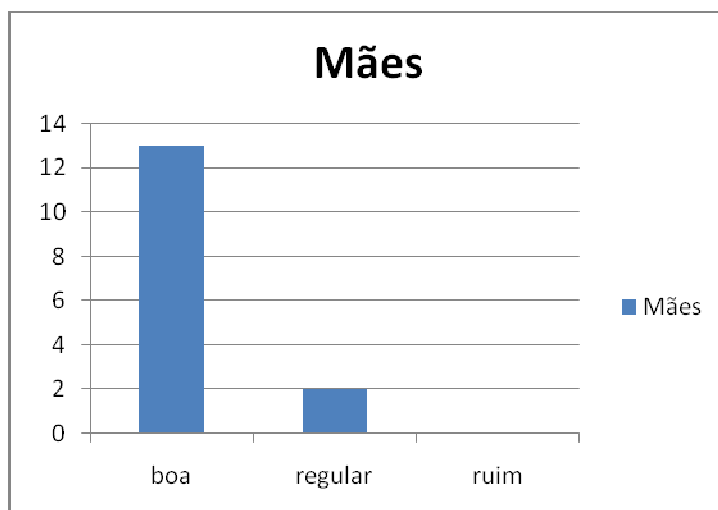
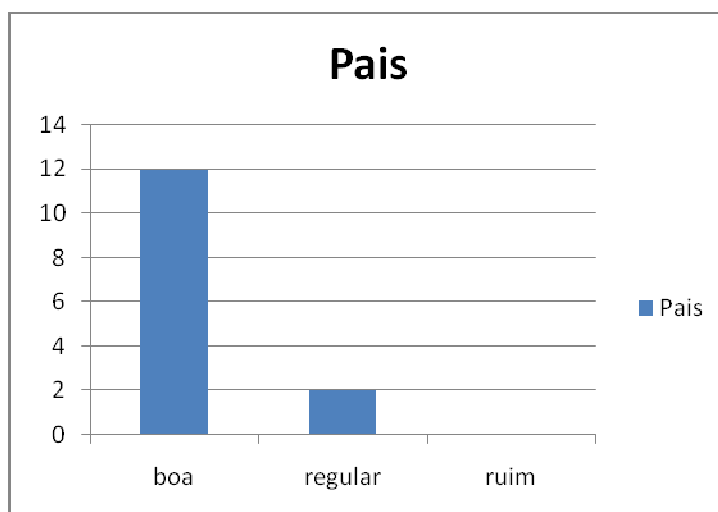
Análise: Para essa pergunta, conforme foi explicado em bilhete anexo, os responsáveis poderiam marcar mais de uma alternativa. Mesmo assim, boa parte deles marcou apenas a necessidade devido ao trabalho. Tal fato indica que, provavelmente, se um dos responsáveis pudesse ficar com a criança não optaria pela creche.

* Opinião sobre a sala da criança:



Análise: A maior parte dos responsáveis considera as instalações da creche boas, mas é interessante observar que em diversos casos houve discordância entre pais e mães.

* Opinião sobre a equipe pedagógica:



Análise: Os responsáveis estão bastante satisfeitos com a equipe pedagógica o que, provavelmente, relacionando com a pergunta anterior, compensa eventuais descontentamentos com a estrutura do local.

3.2.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O objetivo principal do questionário era verificar se os responsáveis entendiam o Berçário como local de aprendizagem. Como a maior parte indicou que a criança está naquele ambiente devido ao horário de trabalho dos pais, infere-se que a estimulação e a socialização estejam em segundo plano.

Talvez por esse motivo eles estejam satisfeitos com a equipe pedagógica que, de forma geral, não planeja atividades de estimulação próprias para a idade.

É possível perceber também que os responsáveis com nível de escolaridade mais baixo mostraram-se mais satisfeitos com a estrutura do local e com a equipe.

Ainda com relação à funcionalidade do Berçário, devido ao formato da pesquisa, não é possível saber quais seriam as respostas espontâneas dos pais, mas, uma vez que praticamente todos disseram que deixavam as crianças na creche devido ao horário de trabalho, supõe-se que essa seja a razão fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As situações e problemas que me propus a discutir nesse trabalho foram a dualidade existente entre cuidado e educação, o desprezo com os trabalhos manuais envolvidos no trato com a criança entre 4 (quatro) e 18 (dezoito) meses e a formação do profissional da área.

Segundo Rizzo (2010) a creche precisa dar proteção à criança, isto é,

garantir-lhe um local especial, que deseje ficar com esta, disposta e disponível para aceitá-la com seus choros, fraldas e sorrisos. Um local onde se ofereçam segurança física e mental e estimulação do seu potencial humano integral.

Portanto, é preciso “descompartimentalizar” o entendimento sobre a criança e compreendê-la como um todo em que nenhuma parte se sobrepõe às demais.

Para tanto são necessárias mudanças na formação dos profissionais que lidam com essas tarefas e do pensamento comum entre os próprios educadores de que tais atividades são menos educativas do que as realizadas em sala de aula com papel e caneta.

A Educação Infantil está, hoje, em pleno processo de transformação, juntamente com as novas demandas da sociedade. É preciso que os educadores verifiquem quais atitudes são condizentes com as teorias e quais devem ser modificadas.

Também se faz necessária uma revisão na legislação acerca do tema já que, muitas vezes, é deficiente em regulamentações e, em outras tantas, discrepante a realidade da prática profissional. A legislação que trata especificamente da criança de 0 (zero) a 18 (dezoito) meses é reduzida e conjunta com outras idades a despeito de suas singularidades evidentes.

Como Schultz (2002) ressalta,

os cuidados proporcionados à criança nos berçários e Creches podem ser estimulantes do seu desenvolvimento, desde que haja maternagem suficientemente boa, o que significa a presença empática, verdadeira, confiável e constante de uma figura que proteja a criança de traumas na relação, e permita a sua integração psíquica e o seu desenvolvimento: o professor. No meu ponto de vista a maternagem com essas características será possível se exercida por um professor preparado em curso superior de Pedagogia.

Ser educador, desde a mais tenra idade do educando, é um grande compromisso com o futuro das famílias e crianças que venhamos a conhecer e com quem possamos trabalhar e há que se respeitar e valorizar essa função.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, Maristela (Org.). **Educação Infantil: para que, para quem e por quê?**. Campinas: Alínea, 2010.

BARROS, Miguel Daladier. **Educação Infantil: o que diz a legislação**. Disponível em: < <http://www.jusbrasil.com.br/noticias/168958/artigos-educacao-infantil-o-que-diz-a-legislacao> > Acesso em: 25 de maio de 2011.

BÓGUS, C. M.; NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F.; MORAES, D. E. B.; TADDEI, J. A. A. C. **Cuidados oferecidos pelas creches: percepções de mães e educadoras**. Revista de Nutrição, Campinas, v. 20, nº 5, set/out. 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia**. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Parecer CEB nº 22, de 17 de dezembro de 1998. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **Normas de funcionamento das unidades de Educação Infantil ligadas à Administração Pública Federal direta, suas autarquias e fundações**. Parecer CNE/CEB nº 17, de 8 de dezembro de 2010. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Brasília, DF, 2001.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Parecer CEB nº 2 de 29 de janeiro de 1999. Brasília, DF, 1999.

BRASIL. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Parecer CNE/CEB nº 20, de 11 de setembro de 2009. Brasília, DF, 2009.

CAMPOS, Maria Malta. Educar e cuidar: questões sobre o perfil do Profissional de educação infantil. IN: **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil.** Brasília: MEC, 1994.

CARRARA, Kester (Org.). **Introdução à Psicologia da Educação:** seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **O que é Pedagogia.** São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

KISHIMOTO, T. M. **Política de formação profissional para a Educação Infantil:** Pedagogia e Normal Superior. *Educação e Sociedade*, São Paulo, ano XX, n. 68, p. 61-79, dez. 1999.

KREFTA, Silvana. **Metodologia de ensino e Educação Infantil:** Algumas considerações sobre a trajetória da escola infantil no Brasil. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/metodologiadeensino/>> Acesso em: 20 de maio de 2011.

KUHLMANN Jr., Moysés. **Histórias da Educação Infantil brasileira.** Revista Brasileira de Educação, Nº 14. São Paulo: Anped, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

PEREIRA, Thaís C. C. **O desenvolvimento psicomotor de bebês com necessidades especiais: uma parceria entre Psicologia e Fisioterapia.** Centro Universitário de Brasília (Trabalho de Conclusão de Curso). Brasília, DF, 2009.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

ROGÉRIO, Rosa Maria de Freitas. **Berçário: o sono e o desenvolvimento dos bebês.** Disponível em: <<http://www.direcionaleducador.com.br/edicao-70-nov/10/bercario-o-sono-e-o-desenvolvimento-dos-bebes>> Acesso em: 20 de maio de 2011.

SCHULTZ, Lenita M. J. **A criança em situação de berçário e a formação do professor para a Educação Infantil.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2002.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VITTA, Fabiana C. F.; EMMEL, Maria Luísa G. **A dualidade cuidado X educação no cotidiano do berçário.** Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

PARTE III
PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

O SONHO DE UMA EDUCAÇÃO COM QUALIDADE DE
APRENDIZAGEM COGNITIVA E EMOCIONAL

O SONHO DE UMA EDUCAÇÃO COM QUALIDADE DE APRENDIZAGEM COGNITIVA E EMOCIONAL

Ao entrar na graduação, tinha certeza de que queria ser professora de Educação Infantil. Mas, durante o curso e meus estágios, deparei-me com inúmeros problemas e dificuldades para os quais imagino soluções diferentes das que geralmente são propostas.

É muito difícil, para um estudante ou recém-formado, desenvolver propostas em escolas que já possuem um sistema de ensino arraigado. Por esse motivo, comecei a pensar em iniciar minha própria escola de Educação Infantil. Para isso, ainda pretendo fazer cursos de formação continuada em administração e gestão educacional.

Minha principal crítica aos modelos de Educação com os quais convivi é que eles aparentam certa distância e “esterilidade” na relação professor-aluno. Uma vez que as crianças passam cada vez mais tempo na escola, essa relação deve ser mais afetiva, especialmente quando se trata de crianças menores de 3 (três) anos.

A criança aprende em todas as situações que, para o adulto, são cotidianas. Cabe ao professor identificar, valorizar e maximizar essas oportunidades de aprendizagem. Para isso é preciso que ele se envolva com a criança em todas as suas dimensões psicopedagógicas.

Mas, para desenvolver este projeto, é necessário um grande investimento inicial tanto financeiro quanto temporal. Por isso, uma vez que fui aprovada no último concurso público para professor, pretendo trabalhar por alguns anos no ensino público enquanto procuro formas de viabilizar meu projeto.

Nunca tive pretensão de me envolver com cursos de pós-graduação *stricto sensu*, pois não me interessei pela área de pesquisa. Mas sempre tive a intenção de fazer especializações e cursos complementares para manter-me atualizada e entrar em contato com novas tendências.

Outro plano que tenho, mas que não sei se ainda será possível, é passar um ano em intercâmbio de trabalho no Canadá para aperfeiçoar minha

conversação em inglês. Existem programas de trabalhos com crianças que acredito que seriam extremamente educativos para mim.

Como espero assumir o concurso e penso em ter filhos em breve, a idéia de viajar por um ano inteiro é bastante dificultada, mas, caso o trabalho não se concretize, provavelmente farei esta viagem.